

AUTÊNTICO

CAPÍTULO 1 – A RESPOSTA TÃO ANSIADA...

- O que... – Acordei sobressaltada. Era apenas mais um sonho. Apesar de parecer tão real, era um sonho. Arrepiei-me. A sua pele macia e quente fazia-me sentir a flutuar, como se estivesse no espaço, a orbitar a centímetros do Sol, sem uma base. A única coisa que me fazia saber que estava com ele era o facto de me sentir completamente segura, o que me acontecia sempre em todos aqueles sonhos.

Tinha de pensar numa maneira de aquilo acabar. Continuar a sonhar com ele e não o ter era uma tortura. O pior é que não havia um dia em que aquilo não acontecesse: ia para a escola, via-o, tentava falar com ele e era rejeitada. Ele não me dava o benefício da dúvida, parecia que me odiava por alguma coisa que lhe tivesse feito, embora não me lembrasse o quê. Depois, chegava a casa, fazia os *TPC* e punha-me em frente ao computador a mandar-lhe um *e-mail*, que era praticamente sempre o mesmo:

Olá, Simão.

Nem devia dizer-te olá, devido à forma como me trata. Mas, que hei-de fazer? Não consigo deixar de ser bem-educada contigo. Mando-te mais um e-mail, porque nunca obtive resposta a todos os outros que te enviei. Não sei até que ponto és inteligente, mas... Não seria mais fácil dares uma resposta a um dos meus e-mails e ficares com menos um peso diário na tua caixa de correio electrónico? É que se não apagas todos os e-mails que te envio, depois ou mesmo antes de os leres, tens a caixa de correio electrónica cheia. E não é preciso ser vidente para saber isso...

Nem sei como podes não ter curiosidade para saber sobre o que quero falar contigo, mas isso já é outra história que não vem ao caso...

Enfim, agradecia-te que me desses uma resposta, coisa que parece causar-te dores ou ser impossível da tua parte.

Beijos (coisa que não te devia dizer),

Rita Light

Quando acabava, passava o resto do tempo com o computador ligado na esperança de receber uma resposta, mas não valia a pena, ele nunca me respondia. Chegava a hora do jantar e eu desistia. Comia e depois ia ao computador, não fosse o diabo tecê-las e ele me tivesse mandado alguma coisa. Mas não, era sempre da mesma maneira. Mas a pior parte nem era essa e sim o que viria a seguir. Deitava-me

já com receio de sonhar, porque, como já disse, era sempre com o mesmo. Os sonhos eram a única coisa que mudava na minha vida. Quer dizer, os sonhos eram sempre com ele mas os locais mudavam. E o que há de mais estranho nisto tudo é que, em todos os sonhos que tenho, ele me protege, me faz sempre sentir segura, sei lá... Como nunca estive na minha vida.

Estava farta e tinha mesmo de tratar daquele assunto. Na escola, iria confrontá-lo, fosse como fosse. Ele era bem mais alto e forte do que eu, mas iria empurrá-lo e até bater-lhe, se fosse preciso. Ele era tão forte que não seriam os meus fracos socos no peito que iriam deitá-lo abaixo. Voltei a dormir, precisava de descansar para ter forças de manhã.

Abri os olhos e já era dia. Liguei o computador, fui ao meu e-mail e, para grande espanto meu, tinha uma mensagem que tinha como remetente o e-mail do Simão. No assunto dizia *A resposta tão ansiada...*. Notei uma espécie de ironia naquelas palavras, mas abri o e-mail, que tinha escrito:

Rita Ligth, (Não te digo olá, porque não te conheço.)

Não sei porque continuas a chatear-me os miolos, mas só te digo uma coisa: DEIXA-ME EM PAZ E ACABA COM ESSAS TUAS PARANÓIAS POR MIM! NÃO SERVEM DE NADA! Eu não te conheço e não tenho vontade de te conhecer, por isso se queres ser paranóica, arranja outro rapaz por quem te apaixones!

Simão Albuquerque

(Devias agradecer-me por te dizer o meu apelido.)

Não fiquei muito surpreendida, claro que ele iria reagir daquela forma e, ao menos, respondeu. Não era a resposta que gostaria de ler, mas de qualquer maneira, dissesse ele o que dissesse, já não valia a pena, o que eu iria fazer já estava decidido.

CAPÍTULO 2 – SIMÃO, SIMÃO, SIMÃO...

Cheguei à escola e as aulas da manhã foram uma inutilidade, visto que não estive atenta em nenhuma delas. Só pensava numa palavra: *Simão, Simão, Simão...* Até eu já estava farta de estar sempre a pensar na mesma coisa, mas era impossível de controlar...

- Ainda bem que te vejo!

- Lá estás tu outra vez! Não leste o meu e-mail?

- Li, mas não adiantou nada!
- Não querias uma resposta? Eu dei-ta!
- Não me deste a resposta certa. Vem comigo!
- Eu não vou contigo a lado nenhum, miúda, tenho mais o que fazer!
- Não queres que eu faça um escândalo aqui?!
- Tu é que vais ficar mal vista, não sou eu.
- Queres arriscar?
- Boa sorte...

Tive de pensar e agir rapidamente, mas acho que me saí muito bem, e o facto de falar bem alto ainda me fez interpretar melhor o papel:

- Eu não acredito que depois daquilo que tivemos ontem à noite no parque, em que eu até tive de fugir de casa pela varanda, tu me estás a tratar assim! Nem aceitas falar comigo... É só *comer* e deitar fora, é? Tu não passas dum...

- *Ok*, já percebi... Vamos para um lugar onde ninguém nos ouça para poderes gritar em paz... Não se preocupem, isto é para um trabalho de representação, ela estava a ver se chamava a atenção e resultou! – Depois desta informação, o pessoal perdeu o interesse e voltou ao que estava a fazer. Ainda bem... Ele arrastou-me até ao WC masculino e fechou-se num cubículo comigo:

- *Ok*, diz o que queres de uma vez e não me chateies mais!

- Tudo bem. Primeiro, houve umas coisas que li no teu e-mail que gostava de esclarecer: eu não sou nem gosto de ser paranóica e eu não estou apaixonada por ti!

- Continua...

- Há muito tempo que te tenho tentado conhecer, porque me pareces um rapaz muito estranho. – Ele ia abrir a boca para falar, mas eu levantei o dedo e continuei. – Deixa-me acabar. Quer dizer, aos olhos dos outros até pareces um rapaz normal, mas aos meus, há qualquer coisa em ti que me atrai e a tua primeira atitude para comigo ainda me fez ficar mais vidrada em ti. Sabes, é que eu tenho a sensação de que já te conhecia antes de te conhecer e isso é realmente muito estranho. Depois, ainda há outra coisa que é o facto de todas as noites sonhar contigo. Eu não devia estar a dizer-te isto, porque agora é que vais fugir de mim a sete pés, mas a verdade é essa. E em todos os sonhos eu vejo-te como uma espécie de protector, contigo, eu sinto-me sempre segura. – A sua expressão amoleceu, quando disse esta última parte, parecendo ter alguma coisa a dizer-me acerca daquilo, mas depois, como que para

manter a postura, voltou à “cara dura” que tinha sempre que estava comigo e respondeu:

- Não tenho culpa de nada disso e não tenho nada a dizer. Não me faças ficar com medo de ti. Adeus. – Virou-se para sair, mas eu agarrei-lhe um braço e pedi-lhe:

- Simão, não tens que ter medo de mim, por favor, não vás.

Ele olhou-me, fazendo um esforço nítido por manter a cara “dura”, e foi-se embora, dizendo apenas aos rapazes que estavam do lado de fora:

- Há uma rapariga ali dentro. Batam à porta quando ela puder sair.

CAPÍTULO 3 – *NOUTRA... VIDA...*

Depois daquela conversa, ele passava o tempo todo a evitar-me e eu parei de lhe mandar e-mails. É claro que continuava a sonhar com ele, não por vontade própria, mas vá-se lá saber o que o nosso subconsciente pensa. De certa forma, sentia-me mais feliz, porque apesar do distanciamento entre nós, que se tornava cada vez maior, e de nunca ter havido algo a que se pudesse chamar amizade, ele já não me olhava com o olhar de raiva de alguns dias antes. Parece que finalmente percebeu que não sou um bicho de sete-cabeças e só queria perceber o que se estava a passar comigo, embora eu soubesse que continuava sem as respostas de que precisava. Porque... Eu não sabia mesmo o que se estava a passar comigo... Desde o início do ano lectivo que sou vidrada nele... O seu corpo... A sua atitude... Tudo me puxava para ele, embora eu soubesse que não era amor, nem mesmo paixão.

Era como se os sonhos com ele já tivessem acontecido, literalmente. Era estranho, realmente muito estranho e dava-me cada vez mais a sensação de que ele tinha as respostas de que eu precisava, mas não mas queria dar. Tinha de voltar a falar com ele. Talvez o sentimento de raiva que em tempos ele sentira por mim voltasse, mas eu não podia ficar paranóica a pensar no que se passava. Já lhe tinha dado tempo suficiente para descansar das minhas perseguições e dos meus e-mails. No dia seguinte, iria voltar a confrontá-lo, embora de forma mais calma, mas iria...

A manhã chegou. Acordei calma. Sabia exactamente o que iria dizer se ele não quisesse falar comigo e me voltasse as costas, por isso não havia nada com que me preocupar. Tomei o pequeno-almoço normalmente e arranjei-me para a escola. Era tão bom estar completamente serena. Estava tudo fabuloso naquela manhã, até porque o sonho tinha sido diferente: eu estava com ele numa floresta e ele falava pela

primeira vez, dizendo que nunca me iria deixar e que eu iria descobrir o que se passava, mais rapidamente do que julgava. Isso deveria indicar alguma mudança na minha vida, não? Boa, parecia... Porém, duas coisas se tinham mantido iguais. A temperatura da sua pele era sempre elevada e ele nunca parecia ter frio. Parei de pensar naquilo e fui-me embora.

Na escola, pensei em procurá-lo antes das aulas da manhã começarem, mas tive consciência de que, se fizesse aquilo, iria perder aulas e ele também, o que não valia a pena. Percebi que na hora do almoço seria a melhor altura. Iria aproveitar a minha serenidade para não perder aulas, sabendo que me iriam correr bem.

As aulas passaram rapidamente. Sabia que o meu estado de espírito estava tão bom que o tempo passaria incrivelmente depressa. Graças a Deus, conheço-me muito bem! Chegou a hora do almoço e decidi comer primeiro e depois procurá-lo, não fosse perder o apetite depois do que ele me viesse a dizer. Porém, não deu tempo para isso. Quando dei por mim, ele estava ao meu lado:

- Rita Ligth, preciso de falar contigo. – O seu tom sério fez-me estremecer. Como eu era imprevisível... Já sentia a minha aura a descer...

- Claro, diz.

- Vem comigo. – Desta vez, não me levou para uma WC masculina, seguindo em direcção à saída da escola.

- O que se passa?

- Preciso de falar contigo.

- Sobre quê?

- Já vais saber. Não sejas curiosa e não tenhas medo que eu não te vou fazer mal. – Aquelas últimas palavras fizeram lembrar-me de todos os sonhos que tenho com ele e tive uma sensação agradável de *dejá vu*, porque, agora, tinha a certeza de que ele não me faria mal.

Chegámos a um beco sem saída em que quase ninguém reparava. Não gostava daqueles sítios, mas com ele sabia que estava segura.

- Bem...o que eu...tenho para te dizer...não é fácil. – Apenas acenei com a cabeça, porque reparei que ele estava com dificuldade em falar do assunto que nos levava ali, fosse ele qual fosse. – Depois da conversa que tivemos há uns dias atrás... Daquilo que disseste sobre...sonhares comigo, sentires-te segura... Aposto que, nesses sonhos, também sentes a minha pele quente...como se nunca...tivesse frio. –

Mais uma vez, acenei com a cabeça, espantada. – Deves estar a perguntar-te como é que eu sei isso se tu não mo disseste...

Não me consegui conter e comecei a falar muito rápido, como se a desabafar tudo o que estava “entalado” na garganta:

- Sim, como é que sabes isso? És alguma espécie de vidente? É que isso não explica a minha obsessão, desculpa a palavra, por ti e sinceramente, estou a ficar assustada, porque se tens algum poder, tipo, ler os pensamentos, isso deixa-me... Qual é a palavra? Descontrolada. Sim, descontrolada, sem saber o que posso ou não pensar.

Depois de aquele meu “ataque” acabar, ele olhou para mim com uma cara de arrependimento misturado com desilusão consigo mesmo e outros sentimentos que não consegui decifrar e desabafou:

- Não devia ter-te trazido até aqui para termos esta conversa. Foi uma estupidez, estou a deixar-te nervosa sem querer. Ainda não estás preparada, ter deixado tudo como estava, teria sido o melhor... Desculpa.

Preparava-se para me virar as costas, mas eu gritei, descontrolada:

- Não penses que me vais deixar espedada sem respostas às minhas perguntas, outra vez! Agora que começaste, nem penses que escapas! Além disso, ia procurar-te hoje de qualquer maneira, só me poupaste trabalho! Volta, por favor!

Ele voltou-se com a cara mais serena do que a que tinha quando se voltou para ir embora e concordou:

- Tens razão, não seria justo deixar-te aqui ainda mais confusa. Se queres respostas, “chuta” perguntas.

Ele já não me parecia o mesmo Simão do início do ano. Estava mais calmo. Definitivamente...

- Antes de te começar a fazer perguntas, tenho de te pedir desculpa por ter gritado contigo e explicar tudo desde o início para não me perder. – Ele apenas acenou com a cabeça, tal como eu tinha feito no início da conversa, apesar de ter um ar como quem diz “não faz mal”, acerca do pedido de desculpas. – Então, é assim, tudo corria normalmente na minha vida e, certo dia, chegou à cidade onde eu vivia, um rapaz chamado Simão. Eu não liguei a nada daquilo, até porque era apenas só um rapaz novo na cidade e na escola que eu frequentava, e eu nem sabia o seu apelido. Mas numa manhã como todas as outras, eu fui para a escola e foi aí que te vi: um rapaz bonito, com uma atitude normal. – ele riu-se levemente como que a

agradecer os elogios, com uma cara envergonhada – Achei-te giro, mas não tive coragem de falar contigo e o dia decorreu normalmente. A noite é que foi diferente...

- Começaram os sonhos...

- Sim, começaram os sonhos... Naquela noite, lembro-me perfeitamente, sonhei que fugia de algo, não sei o quê até hoje e que tu aparecias, me colocavas nos teus braços e corrias como eu nunca tinha visto ninguém correr. Depois, acordei sobressaltada e não consegui dormir o resto da noite.

- Que mais tens sonhado? Nos últimos tempos?

- Na noite anterior ao dia, que finalmente aceitaste falar comigo no WC, eu sonhei que... deixa-me só organizar as ideias... estava nos teus braços e sentia-me muito segura e quente. Parecia que estava a flutuar, como se estivesse no espaço, a orbitar a centímetros do Sol, sem uma base. Lembro-me também que a tua pele estava macia e quente, como em todos os meus outros sonhos.

- Eles parecem-te reais?

- Sim, mais real é impossível.

- Hum...

- Em que estás a pensar?

- Nada de especial, por enquanto. Bem, que mais me queres dizer?

- Hum... Ah! Na noite passada, eu sonhei que estava contigo numa floresta e que tu me dizias que nunca me irias deixar e que eu iria descobrir o que se passava mais rápido do que julgava. Conte-te este sonho, porque foi a primeira vez que te ouvi falar nos meus sonhos. Outra coisa que também me acontece e que eu já te disse é que eu tenho uma sensação estranha sempre que te vejo ou penso em ti...

- Sim, já me disseste... É como se me conhecesses...

- E contigo? Eras por isso que me tratavas mal? Porque sentias que me conhecias?

- De certa forma, sim, era por causa disso. Só que há uma diferença. Eu conhecia-te mesmo.

- Mas o facto de me conheceres não te devia levar a tratares-me tão mal... Até, porque, não me lembro de te fazer nada de mal. Os emails podiam ser um bocado irritantes. Mas antes de eu começar a tentar falar contigo, tu já me rejeitavas, não me falavas nem nada do género... Por outro lado, sentia que estavas sempre de olho em mim, como que a vigiar-me... Fazias mesmo isso ou é paranóia minha?

- Sim, de vez em quando eu estava de olho em ti. Tu também atraías e atraís a minha atenção, só que eu sabia a razão e precisava de saber que estavas bem...

- Porquê?

- Porque... Eu não... Te conheço... Desta cidade...

- Pois, este é o teu primeiro ano aqui... Conheces-me da internet, talvez?

- Desculpa, eu não me estou a explicar bem... Eu... Não te conheço... Desta Vida...

- Eu continuo sem perceber... Como assim?

- Tu... Já estiveste noutra Vida... Comigo.

- O quê? Desculpa lá se te vou ofender, mas tu estás *mocado* ou alguma coisa do género?! É porque... Esta história é mirabolante e não faz sentido nenhum. Outra vida?! Isto cabe na cabeça de alguém?!

- Parece que sim, na minha...

- Eu espero que compreendas a minha situação... É muito assustadora e esquisita. O rapaz com quem eu sonho todas as noites me leia os pensamentos e me diga que eu estive com ele noutra vida... É que... Contado... Ninguém acredita...

- Sim, eu sei que foste apanhada de surpresa mas eu pensei muito antes de te vir contar isto e achei que fosse o melhor a fazer... Para não passares a tua vida sem respostas... E bem... Eu não te leio os pensamentos...

- Então, como é que sabias que eu sentia a tua pele quente?

- A minha pele é mesmo quente...

- Oh, *ok*. Ouve, será que me podes contar isso melhor?

- *Ok*. Eu descobri que tinha estado noutra vida quando... Me comecei a sentir estranho...

- Como assim? O que é que sentias? Sonhavas com alguém, como eu?

- Não, comigo foi pior... Eu... Conheci alguém descendente da família de que eu era, quer dizer, o meu espírito era, na outra vida... E comecei a lembrar-me de tudo. O Que me tinha acontecido antes de ter a vida que tenho hoje... Foi como se tivesse perdido a memória e estivesse a recuperá-la...

- Então... Enquanto eu sonho contigo... Tu... Tinhas visões, *flashbacks*?

- Sim, pode dizer-se que era mesmo isso. E eu sei que está a ser difícil para ti saberes disto, mas... Quando eu disse que era pior... Não foi por mal... É que...

- Sim, eu sei... Eu também acho que contigo foi muito pior, o que eu ouvi até agora, pelo menos, é muito pior do que o que se passa comigo. Até porque, enquanto

eu tenho sonhos e penso que o meu subconsciente só pode estar doido, tu... Tinhas visões, acordado, e no princípio deve ter sido muito difícil de controlar, quando estavas com pessoas...

- Sim... Foi muito difícil, até porque, eu não sabia o que se passava comigo...

Pensava que... Estava doido. E isso era muito mau... Até...

- Até... O que aconteceu?

- Eu... Fui internado... Numa clínica.

- Oh... Desculpa ter-te perguntado...

- Não faz mal...

- Então... Como é que soubeste que as tuas visões eram de uma família tua, numa Vida já passada?

- Bem, na clínica, aprendi a controlar-me quando tinha uma visão e eles deixaram-me sair de lá. Como achava que aquilo era muito estranho, decidi investigar a família que aparecia nas minhas visões. Fui a bibliotecas, vi jornais e livros antigos, mesmo muito antigos e descobri que havia um rapaz chamado Tomás Light...

- Esse é o meu apelido...

- Pois é... E acabei por perceber que esse rapaz era eu. Quer dizer, que o espírito desse rapaz era o meu... O que eu tenho agora. As suas visões eram tal como as minhas, a minha história era praticamente igual à dele, mas ele estava num mundo muito menos avançado. Ele morreu com a minha idade e o seu espírito deve ter permanecido neste mundo, porque... Quem está com ele agora sou eu... A minha aparência, o meu nome e a minha família mudaram, mas... O meu espírito, a minha mente... É exactamente tudo igual ao Tomás... Eu fiquei com toda a sua inteligência, com as suas visões... A única coisa que mudou foi o meu temperamento... Eu, Simão Albuquerque, sou muito mais impulsivo e vingativo do que ele. Ele era a paz em pessoa...

- Como é que sabes como ele era?

- Vi nos jornais em que pesquisei sobre a família dele. E, sabes, às vezes sinto que ele fala comigo. Quando estou mais enervado com alguma coisa, prestes a fazer algo de que depois me posso arrepender. É como se ele me protegesse, como eu te protejo a ti. Só que enquanto, o corpo dele já não está aqui, comigo, o meu está aqui, contigo. Foi a voz dele que me passou os dias a “chatear” para que viesse falar contigo.

- Então... Tu ainda tens visões e... Ouves vozes?

- A única voz que ouço é a dele e as visões já não acontecem muito, quer dizer, não aconteciam, porque desde que vieste falar comigo no WC, tenho tido visões muito estranhas... Neste mundo... Com este corpo... Comigo e contigo... Parece que... A tua persistência para comigo, despertou mais uma aventura, que eu ainda não sei qual é...

- As tuas visões não te dizem que aventura é essa?

- Pois, as minhas visões são inesperadas e muito pequenas... Por exemplo, eu posso estar aqui a falar contigo agora e de repente, ter uma visão: Estarmos de mãos dadas a correr...

Só naquela altura me apercebi... Se o apelido do Tomás era Light, eu tinha qualquer grau de parentesco com ele... E eu... Não era única! A minha mente não era única! O espírito que eu tinha, havia estado no corpo de outra pessoa que já viveu há muitos anos atrás! Que desilusão, que confusão!

- Espera... Então quer dizer que... Eu não sou única?! A minha mente não é única?! Que o espírito que eu tenho, agora meu, esteve no corpo de alguém que já morreu há muitos anos atrás?!

- Acalma-te... – só depois daquela advertência, é que percebi que tinha estado a gritar. - Basicamente, sim, é isso. Mas não te assustes! De qualquer forma, tu és única! Porque, apesar dos espíritos mudarem de vida para vida e de corpo para corpo, tu vais ser sempre a Rita Light, esse corpo vai ser sempre teu e mais ninguém vai ter essas características iguais a ti! O que temos de fazer, agora é estar sempre juntos...

CAPÍTULO 4 – HÁ VIDA DEPOIS DA VIDA!

Cheguei a casa. Só no fim da conversa que tive com o Simão é que percebi que tinha faltado às aulas, mas valeu a pena. Fiquei a saber as respostas a todas as minhas perguntas. Outra vida... Aquela história era tão difícil de acreditar. Mas era verdade. Tudo apontava para isso... As visões do Simão, a voz do Tomás na cabeça dele... Os meus sonhos... O meu apelido, que era o mesmo do Tomás, o que significava que ele era da minha família... Tudo tinha mudado tão rápido, na minha cabeça...

Estava cansada, a minha cabeça parecia prestes a explodir. Eram apenas 6 horas da tarde, mas eu estava super confusa... Só me apetecia dormir até ao dia seguinte e ir a correr para a escola ter com o Simão.

Acordei a pensar que já era de manhã, mas afinal eram 2h da madrugada. Faltava tanto para estar com o Simão... Decidi aproveitar aquele tempo em que não conseguia dormir para pensar naquela história toda:

- ✦ O Simão era meu amigo;
- ✦ O meu espírito e o espírito do Simão tinham estado noutros corpos, que supostamente, tinham estado juntos noutra vida e, visto que o meu apelido era o mesmo do rapaz que tinha estado com o espírito do Simão... Deverá haver alguma ligação para que eu tenha sido a escolhida;
- ✦ Os meus sonhos com o Simão tinham alguma razão de ser;
- ✦ O Simão tinha visões e ouvia a voz de Tomás Light, o seu espírito;
- ✦ Eu, Rita Light, era descendente da família de Tomás Light, o corpo onde o espírito do Simão tinha estado;
- ✦ Eu não sabia qual o corpo onde o meu espírito tinha estado, na mesma vida que o Tomás Light, e tinha que descobrir;

E por último, mas não menos importante, sei mais do que nunca que:

- ✦ Há vida depois da Vida!

É tudo tão confuso... O melhor que tenho a fazer é esperar por amanhã e dizer ao Simão os meus pensamentos desta noite.

CAPÍTULO 5 – AUTÊNTICO

- Bom dia, filha! – Era o meu pai. É um homem calado, depois do que aconteceu à minha mãe. O raio da mulher fugiu e nunca mais disse nada. Tenho-lhe um ódio que não me aguento. Como é que ela foi capaz? Mas, bem, isso faz parte de um outro dilema, não interessa agora. Definitivamente, ele devia ter tentado outro dia para pôr conversa. Estava muito ansiosa para ver o Simão. Qual seria a reacção dele? Será que, na escola, ele não iria falar comigo?

- Olá, pai, tenho de ir.
- Já para a escola?
- Sim, tenho de tirar umas fotocópias para um trabalho. Adeus!
- Adeus...

Claro que era mentira. Não tinha fotocópias nenhuma para tirar. Só não aguentava estar mais em casa. Tinha de apanhar ar e ver se o tempo passava mais rápido.

- Olá! Ainda bem que te encontro!

- Tens a certeza que não me lês os pensamentos?!

- Tenho. Além disso, não te esqueças que os nossos espíritos já se conheciam e conseguem tudo o que querem. Além disso, neste momento, a minha mente e o meu espírito só te queriam a ti...

Ele sorriu e como eu não queria que ele me visse corar, se eventualmente se criasse um clima, continuei a conversa:

- Bem... Estava a ver se o tempo passava mais rápido para te encontrar na escola mas, já que me encontraste antes disso, ainda bem! Acordei a meio da noite...

- Mais sonhos?

- Todas as noites... Mas a razão não foi essa. Deitei-me cedo demais...

Continuando. Já me perdi nos meus pensamentos...

- Acordaste a meio da noite...

- Ah sim, acordei a meio da noite e estive a pensar sobre aquilo que me disseste ontem. Tirei conclusões óbvias, mas o que eu te queria dizer é que preciso de descobrir a quem é que pertencia o meu espírito, na época do Tomás Light. Para poder compreender a história. Tens alguma ideia de como podemos começar a investigar?

Fez um ar sério e constatou:

- Provavelmente o teu espírito pertencia a alguém que conhecia o Tomás Light e era muito próximo da sua família ou pelo menos, dele. – Estremeci e ele reparou. Ainda não estava acostumada a ouvir que o meu espírito tinha estado no corpo de outra pessoa. Se alguma vez o ouvissem e acreditem, não querem, perceberiam. – Não te preocupes, vais acostumar-te. Eu vou estar aqui para te ajudar. – Sorriu e eu estremeci, outra vez, mas agora ele não reparou. E ainda bem... Estão a perceber, não estão?

- Mas... Que tipo de relação achas que eles tinham?

- Uma muito forte... Para se quererem reencontrar outra vez...

- Pois, é verdade... Nós somos a ligação entre eles... – ficámos os dois a olhar um para o outro. Há que quebrar o clima... Outra vez... – Mas, bem, achas que poderia ser um rapaz?

- Sim, poderia muito bem ser um rapaz, mas... Acho que não... Provavelmente, o espírito não quererá mudar de corpo, pois assim teria de alterar, praticamente, toda a sua “composição” para parecer uma rapariga... Acho eu. Esperemos que tenha

alguma visão ou *flashback*, ou ouça a voz do Tomás, para podermos tirar conclusões mais certas.

- Simão...

- O que se passa?

- Achas que... Todas as pessoas têm espíritos... Que já foram de outras pessoas? Que... Ninguém que está neste mundo é... Autêntico?

- Isso é subjectivo. Mas eu, que tal como tu, sei que tenho um espírito que já estive noutra corpo... Acredito perfeitamente que todas as pessoas têm espíritos que já foram doutras pessoas. É como se fosse uma espécie de... Reciclagem.

- Mas... Alguém teve de os criar... Alguém que já viveu, nem que fosse há milhões de anos atrás, foi autêntico, não?

- Lamento dizer-te isto, mas, mais uma vez, na minha opinião e espero um dia alguém poder provar isso, eu acho que os espíritos sempre existiram. Mesmo antes deste e de todos os planetas aparecerem. Eles apenas aproveitaram os corpos dos humanos para terem uma vida melhor. Com mais sentido, percebes?

- Sim, percebo.

- Além disso, eu não me importo de não ser “autêntico”, porque... Não é por essa razão que eu ou tu não vamos ser especiais. É como eu já te disse... O nosso corpo, o nosso nome... A nossa família... Vão ser sempre nossos e ninguém em circunstância alguma vai poder ter isso igual a nós. E por isso, apesar de não sermos autênticos de espírito, somos especiais e autênticos em muitas outras coisas.

- Tens razão. Desculpa estar sempre a bater na mesma tecla, mas... Eu ainda não me acostumei...

- Não faz mal. É bom eu poder explicar-te a minha opinião e conseguir esclarecer as tuas dúvidas. – de repente, ele ficou esquisito: sacudiu a cabeça rapidamente, ficou com os olhos fechados e com a cara tensa durante algum tempo. Depois, abriu os olhos e piscou-os algumas vezes.

- Que se passou?

- Acabei de ter um *flashback*.

- E o que é que viste?!

- Vi o Tomás com uma rapariga. Estavam os dois de mãos dadas e o Tomás disse: “Margarida, jura que se acontecer alguma coisa comigo, não fazes nada de mal e apoias a mãe e os nossos irmãos. Ela vai precisar muito de ti. Adoro-te, ou melhor amo-te a ti e a toda a nossa família. Adeus.”. Depois, virou-lhe as costas e foi-se

embora, enquanto a irmã dizia: “Não te preocupes que hei-de encontrar-te, nesta vida ou noutra e vou fazer o que tu me pediste! Prometo! Também te amo muito! Não te esqueças, nós estaremos sempre juntos!”

- Então...

- Sim... O teu espírito esteve no corpo da irmã do Tomás, chamada Margarida. O que temos de fazer agora é descobrir mais detalhes sobre ela.

- Como é que podemos confirmar se é mesmo ela?

- O flashback foi um sinal do Tomás e o que se está a passar connosco é a prova do que a Margarida disse sobre encontrá-lo naquela vida ou noutra, mas se achares que é melhor confirmar, quando formos procurar informações sobre ela, basta termos em atenção se ela tinha atitudes ou qualidades parecidas com as tuas.

- Ok. Quando é que fazemos isso?

- Agora, o melhor é irmos para as aulas que já bastou faltarmos ontem. Nos intervalos, depois de sairmos da sala de aula, andamos juntos.

- À frente de toda a gente?

- Sim. Há algum problema?

- Não... Mas como vais explicar o facto de passares a falar e a andar com a rapariga que rejeitavas dia após dia?

- Não tenho de dar explicações a ninguém, mas se me perguntarem, direi apenas que mudei de ideias e que és muito bonita, o que não é mentira.

- Obrigada...

CAPÍTULO 6 – CONTROLAR O SEU ESPÍRITO DEPOIS DA MORTE

A mim, não me apetecia muito ir às aulas, mas tinha de ser. Eu não podia deixar as minhas responsabilidades para trás por causa daquela história. Além disso, arrastar o Simão comigo não era correcto. Eu não podia fazer com que ele baixasse o seu rendimento escolar por minha causa. Nunca! Se bem que, estar ou não nas aulas era a mesma coisa... A única coisa que mudava era as faltas. Só elas me prendiam ali! Naquela sala de aula! A prova disso foi o que me aconteceu hoje na aula de Matemática:

“- Menina Light.

- Sim?

- Venha resolver o problema ao quadro.

- Qual? Desculpe, mas não estou a ver lá nada, professor.

- Pois... Porque, supostamente, é o problema que vocês acabaram de passar para o caderno!

- Que cabeça a minha! Claro! Estava tão concentrada na ficha informativa que não copiei nada... Desculpe...

- Pois, pois... Eu vou dizer-lhe uma coisa que vale a pena guardar, pelo menos, até ao fim do seu percurso escolar. Depois lá decida se quer guardar para o resto da vida ou não: nós, os professores não somos burros e é por isso que vos ensinamos. E apesar, de estarmos a falar com todos ao mesmo tempo, estamos de olho em cada um individualmen...

- Professor!

- Diz, Simão.

- Quer dizer que quem não é professor é burro?

- O quê?

- O professor acabou de dizer que os professores não eram burros e que era por isso que nos ensinavam. Quer dizer que quem não nos ensina é burro?

- Ó Simão! Vamos continuar a aula que já perdemos muito tempo! E já que está tão inteligente, venha cá resolver o problema que copiou para o caderno!"

Senti-me aliviada por não ter que resolver o problema. A minha cabeça não estava de todo na aula de matemática. Ou melhor, nas aulas. Por outro lado não percebo o porquê do Simão ter feito aquilo. Era óbvio que não fora naquele contexto que o professor aplicara a frase. Só me apercebi da verdadeira razão quando o Simão se levantou e me piscou o olho. Aí é que reparei que ele tinha feito aquela pergunta propositadamente para me livrar de continuar a ouvir o sermão! Foi muito bom da parte dele... Tinha de lhe dizer obrigada, por isso, quando o intervalo começou, fui ter com ele, pus-lhe a mão no ombro e agradei:

- Obrigada por me teres ajudado na aula de matemática!

- Não tens de quê. Não gosto de ver-te a ser o centro das atenções da turma, quando estás a ouvir um sermão. Não é justo para ti. Principalmente, porque sei a razão pela qual estás assim. Sabes, sempre me senti responsável por ti mas, agora que sabes de tudo, é ainda maior o meu sentimento de responsabilidade para contigo. Além disso, não custou nada.

- Fico muito feliz por ter um protector tão amigo e giro como tu... Entre outras coisas, claro!

- Obrigada. – Ele fez uma cara tão bonita... Fogo, lá está o clima outra vez! Não me posso deixar dominar!

- Bem... Ah...

- Estás desorientada?

- Ah, não, só me esqueci do que te ia perguntar. Espera um pouco... Hum, já sei! Tu, que sabes mais da família Light do que eu, onde devemos começar a procurar?

Ele fez uma cara interrogativa e eu percebi porquê:

- Quer dizer, eu sou da família Light e sei dados dela na actualidade, mas de há muitos anos atrás não sei grande coisa, porque nunca me interessei por árvores genealógicas e...

- Calma, miúda! Calma...

- Desculpa, quando fico embaraçada, falo depressa demais...

- Eu percebi. Não te preocupes, vamos à Biblioteca Municipal e procuramos informação lá. Se não resultar, vamos à Internet e procuramos alguma coisa. Nem que seja lendas ou assim...

- Porquê, lendas?

- Rita, eu estive a pensar, e a tua família, os teus antepassados deviam ser muito importantes, porque não são todas as pessoas que conseguem controlar o seu espírito depois da morte. Por exemplo... Uma pessoa morre hoje, não é? De certeza que ela ia querer que o seu espírito continuasse no corpo de outra pessoa e essa pessoa continuasse aquilo que ela queria acabar e não conseguiu... A minha explicação está uma confusão, mas percebes, não percebes? Os teus antepassados, pelo menos o Tomás e a Margarida deviam ter um grande controlo de mente, de espírito, para poderem continuar a controlá-los depois da morte.

- Está bem, mas continuo sem perceber o que é que lendas têm a ver com isso...

- Podem não ser lendas, mas histórias... Sei lá... Alguma coisa poderá haver...

– “triiiiim”, a campainha começou a tocar – Vá, agora temos de ir para as aulas. – Pegou-me na mão e fomos assim até cada um se sentar no seu lugar. Chegámos atrasados, pelo que, quando entrámos as atenções recaíram todas sobre nós: ficaram todos a olhar para nós com umas caras espantadas, como se nunca nos tivessem visto. Bem, daquela maneira até não tinham visto, mas qual era o problema? Nós

sabíamos que não havia nada de mal e isso bastava. Só não gosto nada quando estão todos a olhar para mim...

CAPÍTULO 7 – 17 DE MAIO DE 1906

- Boa tarde, que desejam?
- Gostávamos de ver a secção dos jornais antigos.
- Venham comigo.
- Os jornais estão organizados de alguma forma específica?
- Por anos. Por exemplo, os jornais todos do ano de 2009 foram para um separador identificado com o número 2009, que depois foram organizados por meses: Janeiro, Fevereiro...

- Qual é o ano mais antigo que têm?
- Acho que é... 1901.
- Obrigado. Ah, eu acho que já nos desenrascamos por aqui.
- Está bem, então se precisarem de mim, estou por aqui, na biblioteca. Até já.
- Até já
- Só mais uma coisa...
- Diga.
- Eu trouxe o meu portátil comigo, consigo aceder à internet sem fios?
- Sim.
- Obrigada.
- Não tem de quê. Agora, se não se importam, vou ver se há alguém há minha espera.

- Com certeza.
- Simão, o que achas que devemos começar por fazer?
- Liga o teu portátil à internet e pesquisa informações sobre a família Light no ano de 1906, que eu vejo nos jornais do mesmo ano.
- O que aconteceu nesse ano?
- Foi o ano em que o Tomás nasceu.
- Mas a Margarida era mais velha ou mais nova do que o Tomás?
- Não sei, mas alguma coisa deve aparecer nos jornais.
- Ok. Se precisares de ajuda ou vires alguma coisa interessante nos jornais, chama-me.

- Está bem. Se também precisares de ajuda ou vires alguma coisa interessante na internet, diz-me alguma coisa.

Passámos algum tempo a pesquisar na internet e nos jornais, até que vi um site interessante que falava sobre a família Light.

- Simão.

- Que se passa? Encontraste alguma coisa?

- Sim. Encontrei um site que fala sobre a família Light e não parece recente.

- Como assim?

- É muito simples e de qualquer maneira, não fala aqui sobre ninguém que eu conheça, da minha família.

- Procura alguma informação sobre o autor, que possa haver no site.

- Boa ideia. Olha, vou ler-te o que é que diz.

O meu nome é José Charrua, tenho 94 anos, e convivi com a família Light desde pequenino, com seis, sete anos, mais ou menos desde o ano de 1922. Gostava muito daquela família e tenho pena de não conviver com as pessoas da sua família de descendentes. Tive a ideia de criar este sítio na internet para, de certa forma, homenagear e não deixar esquecer a família Light, com quem tanto convivi. Pedi ajuda a um dos meus netos para o criar com aquilo que eu ia dizendo. Acho que o resultado ficou bom, de fácil acesso e utilização para informação. Não deixem de saber mais sobre esta família. Leiam as outras secções deste sítio.

Até um dia,

José Charrua

- Se ele tem 94 anos, quando o Tomás tinha 20, ele tinha 10, porque o Tomás era 10 anos mais velho do que o Sr. José, visto que teria 104 anos se estivesse vivo.

- E se o Sr. José tinha mais ou menos seis anos quando começou a conviver com a minha família de antepassados, o Tomás tinha 16 anos, nessa altura.

- Pois é. Falta é saber a idade da Margarida para tirar mais conclusões.

- Eu já estou a tentar descobrir alguma coisa, olha vou ver uma secção que diz membros da família. Em que mês é que estás a pesquisar?

- Maio.

- Está bem. Conheces todos os membros da família Light?

- Não, só o Tomás e a Margarida. Porquê?

- Era para saber se queres que leia em voz alta.

- Pode ser. Já estou no jornal do dia 16 de Maio.

- Em que dia é que o Tomás nasceu?
- Não tenho certeza. Espero descobrir em algum destes jornais.
- Também eu. Vou ler o que diz, agora. “Luísa (mãe), André (pai)”. Agora vou ler os nomes dos irmãos por ordem decrescente de idades: “Helena, João, Gabriel, Rita, Tomás e Margarida”. Interessante...

- Que foi?
- “Tomás e Margarida” estão na mesma linha e na mesma hiperligação... Vou clicar...

- Já vou procurar o jornal de 17 de Maio.
- Não vais acreditar...
- O Tomás e a Margarida...
- São gémeos! Como é que sabes? – Dissemos os dois em conjunto.
- Vi no jornal de 17 de Maio de 1906.
- Vi na internet. Por isso é que estavam os dois com a mesma hiperligação.

Aparece alguma fotografia no jornal?

- Não. Naquela altura não colocavam muitas fotografias nos jornais, mas diz aqui: “Família Light com mais dois membros: Tomás e Margarida”. Vem ver o artigo escrito sobre eles.

FAMÍLIA LIGHT COM MAIS DOIS MEMBROS:

TOMÁS E MARGARIDA

A família Light não tem mais um, mas sim mais dois membros na família! Nasceram os dois, hoje à meia-noite, a menina com 3,15 kg e o menino com 3,10 kg. Como já viram no título, o menino chama-se Tomás e a menina Margarida. Esperemos que sejam muito felizes e cresçam com muita saúde!

17 DE MAIO DE 1906

- Não nos dá muita informação sobre eles...
- Pois, mas convém guardar este jornal ou tirar-lhe uma fotografia.

- Ok, se calhar há um *scanner* aqui na biblioteca.
- Vou tratar disso. Podes continuar o que estavas a fazer na internet.
- Sim. Olha, aproveita e, se vires a bibliotecária, pergunta-lhe se eu posso ligar a impressora ao portátil.

- Tudo bem.

Não acredito, o Tomás e a Margarida eram gémeos! Por isso é que, no *flashback* do Simão, a Margarida dizia que iriam estar juntos para sempre! Eram gémeos... Se calhar foi por isso que foi mais fácil para eles, controlarem o seu espírito de forma a reencontrarem-se no corpo de outra pessoa. Tinha de contar isto ao Simão e continuar a pesquisar...

- Podes ligar a impressora.

- Que susto!

- Desculpa. Em que estavas a pensar?

- Como é que sabes que estava a pensar em alguma coisa?

- Eu já te conheço um pouco, sabes?

- Lembras-te de, no teu *flashback*, dizeres que a Margarida tinha dito que ela e o Tomás iam ficar juntos para sempre?

- Sim...

- Era porque eles eram gémeos. Mais, talvez seja por isso que eles conseguiram controlar o seu espírito depois da morte. Estavam muito ligados, percebes?

- Sim! Então, acabámos de descobrir, porque é que foi mais fácil para eles, controlarem os seus espíritos de forma a virem ter connosco, o próximo passo será, descobrir o que é que eles querem que nós façamos!

- Certo! Agora vou digitalizar a página do jornal e imprimir as informações deste site. E vou procurar mais.

- Desculpem, mas a biblioteca vai fechar. Já está na hora.

- Está bem, pode esperar só um pouco para a minha amiga digitalizar uma coisa e imprimir umas páginas?

- Está bem, mas não posso esperar muito.

- Obrigado. Parece que já não dá para procurar mais.

- Não faz mal, vou tornar a internet lá de casa mais útil e procurar mais alguma coisa.

- E eu vou pedir para levar alguns jornais e trazê-los na segunda-feira.

- Já acabei. Então, pesquisamos em casa e contamos o que descobrimos, amanhã.

- De acordo. Queres que te leve a casa?

- Não sei, se quiseres...

CAPÍTULO 8 – AMO-TE.

- “Em 17 de Maio de 1927, Tomás Light faleceu com 21 anos. Foi uma morte, provocada pelo Afonso Cartwel, um dos filhos mais novos da família Cartwel, embora ele negue. Não se sabe como, ou qual foi a razão. Acredito que, algum dia, alguém irá vingar a morte dele.”

- Cartwel... Nunca ouvi falar...

- Pois, também não... Mas será que foi uma morte planeada?

- Como assim?

- Simão, não reparaste?

- No quê?

- Ele morreu na data do seu aniversário. Será que foi alguma espécie de vingança planeada?

- Não sei... Realmente não tinha reparado nisso... Talvez... Podes procurar alguma informação sobre a família Cartwel?

- Já estou a tratar disso.

- Entretanto vou procurar a data da morte da Margarida.

- Se calhar tem aqui no site.

- Sim, vê lá.

- Não vais acreditar...

- O que foi?

- 17 De Maio.

- É a data da morte do Tomás. E?

- Não percebeste. 17 De Maio de 2004.

- Ela...

- Sim. Ela morreu no mesmo dia que o irmão. Com 88 anos.

- Cada vez é descoberta mais informação. São demasiadas coincidências...

Eles são gémeos e morrem os dois no dia do seu aniversário, em anos diferentes...

Eu já não sei o que pensar...

- Ouve, eu... Não sei se conseguimos fazer isto sozinhos... Através de jornais e da internet. Temos de encontrar o Sr. José Charrua. Só ele nos pode dar informações.

- Como?

- Tem aqui um endereço de *email*. Vou mandar uma mensagem e dizer que precisamos muito de falar com o Sr. José Charrua e saber onde o podemos encontrar. Que é urgente.

- Fazes isso depois. Agora vamos dar uma volta. Até já sei onde vamos.

- Onde?

- Já vais ver...

Pegou-me pela mão e levou-me ao sítio com a paisagem mais linda que já tinha visto. Tem sido uma semana cansativa e soube muito bem apanhar aquele ar fresco e o ambiente do pôr-do-sol.

- O que é isto? É lindo...

- Era para aqui que eu vinha quando pensava que estava doido. Acalmava-me.

- Bem... Eu nem tenho palavras...

- Pois, não precisas. Só... Vê.

Aquele momento, eu não queria esquecer. Ali, tudo o que eu sabia, e que era imperceptível às outras pessoas, dava-me força para continuar. Dei por mim a pensar: “Será que aquilo era mau, ou preferia viver na ignorância, como as outras pessoas?”. Naquele momento, eu aceitaria praticamente tudo para continuar ali.

- Simão... Obrigada...

- Por quê?

- Por me teres contado a verdade. Por me fazeres ter uma razão para viver, sem ser ajudar o meu pai, estudar, tentar descobrir porque não falavas comigo... Por me fazeres ter realmente uma coisa que eu quisesse fazer todos os dias, sem me queixar uma única vez, por... Me fazeres ter um verdadeiro amigo. Obrigada.

- Isso é um grande agradecimento. De certeza que ele é para mim? A pessoa que quase te fez ficar doida?

- Ha ha ha, claro que tenho a certeza. Tontinho.

- Nesse caso e depois da última confirmação... De nada. E, desculpa estragar este momento, mas, temos que ir.

- Já?

- Sim, eu gostava de continuar aqui, a ver o pôr-do-sol contigo, mas não te esqueças que prometeste ao teu pai que jantavas com ele e, antes disso, tens que fazer o jantar, ou vais comprá-lo?

- Olha, eu até comprava, se não tivesse um convidado hoje... Só que eu gostava muito que ele provasse a minha comida...

- A sério? Não me disseste nada.

- Isso é porque eu ainda não lhe perguntei... Queres vir jantar à minha casa?

- É melhor não. O teu pai nem me conhece...

- Passa a conhecer. Ele vai gostar de, finalmente, eu levar alguém lá a casa para jantar. Nós jantamos sempre os dois...

- Hum...

- Por favor...

- Já que tu pediste por favor... *Ok*, eu vou.

- Obrigada, mas, hei, não foste um bocadinho convencido?

- Eu estava a brincar contigo.

- Eu sei. Eu também.

- Passamos a vida a brincar, nós os dois...

- Assim é que é bom.

- Hahahahah.

- Olá, pai! Chegámos!

- Chegámos?

- Hoje trouxe um amigo p'ra jantar.

- Amigo?

- Porque é que não páras de fazer perguntas, pai? Vem conhecê-lo!

- Boa noite, eu sou o Simão.

- Olá, meu rapaz. Tudo bem?

- Sim, senhor.

- Simão, descontraí. Ele é muito natural.

- Rita, podes vir comigo ali, por favor?

- Sim, claro.

- Ele, é... Teu... – perguntou ele a sussurrar, claro.

- Não, pai. Fique descansado, ele é só um amigo.

- Um amigo... Muito especial... É que tu nunca trouxeste ninguém a jantar cá a casa... – outra vez a sussurrar.

- Sim, muito especial... E eu nunca trouxe ninguém cá a casa, para jantar, porque nunca tinha encontrado a pessoa certa. Mas é mesmo só um amigo. Simão, põe-te à vontade. Podes sentar-te a ver televisão, ir à internet, o que quiseres. Eu vou fazer o jantar e quando estiver pronto, chamo-vos.

- Nem pensar!

- O quê?

- Eu vou ajudar-te a fazer o jantar.

- Não precisa, a sério.

- Mas eu quero... – olhou para o meu pai de relance e alterou a sua expressão para uma mais delicada – Eu... Gostava.

- Tudo bem. Vem cá.

Bem, ao princípio, o Simão não estava acostumado com os lugares das coisas na cozinha mas depois, desembaraçou-se bem. E, realmente, estava a ajudar-me, mas...

- Rita?!

- Pai!? – Fui a correr ter com ele, à sala. A voz dele estava fraca, ele não devia estar bem. – Pai!?

- Rita... – ele estava a suar e com dificuldade em respirar. Definitivamente, não devia estar bem.

- Pai...

- O que se pass... Ó não.

- Simão! Eu não sei o que fazer! Ajuda-me! – eu estava a gritar, eu sabia-o, mas desta vez, não me importava, o meu pai estava mal!

- Eu vou telefonar para o 112.

- Sim, faz isso! Eu não sei o que se está a passar com ele!

- Pega no telefone. Deixa-me vê-lo. Rita, temos que nos despachar, eu acho que ele está a ter um ataque cardíaco.

- Aiiii. E se a ambulância não chegar aqui a tempo?!

- Humm, vai buscar os documentos do teu pai, eu vou tentar levá-lo para o carro.

Estava tudo tão bem e, de repente, estava tudo uma confusão: Eu a chorar e a gritar, o Simão, a tentar estar calmo, a ver-me a mim e ao meu pai daquela forma, a desapertar-lhe a camisa... Não via a hora de chegar ao hospital...

- Já tenho os documentos.

- Vamos, temos que nos despachar. Traz uma garrafa de água para o refrescares.

- Está bem, está bem, vai andando para o carro.

- Rapaz...

- Diga, senhor...

- Ajuda... A minha... Filha... Nunca... A deixes... Eu vou... Olhar por ela...

- Senhor...

- Por... Favor... Diz-me... Que sim...

- Claro, senhor. Eu vou estar sempre com a sua filha. Para o que ela precisar.

O senhor vai perceber quando estiver melhor e chegar a casa...

- Sim... Espero que... Sim.

As lágrimas não paravam de me correr pela face. Agora, era como se visse todos os meus erros, todos os meus adeus, todos os meus não, todas as vezes em que não lhe o beijo que deveria ter dado. De repente senti grande parte do meu Mundo a desabar. Ele era tudo o que eu tinha, apesar de ter agora o Simão do meu lado, acho que nada se comparará ao amor de pai... Principalmente ele que me viu crescer de forma assídua, que foi quem sempre me apoiou nas minhas decisões, apesar de alertar para um possível perigo... Amo-te, amo-te, amo-te.

- Pai... Eu estou aqui...

- Não chores, filha. Eu vou... Ficar melho...r...

- Sim, pai. Eu sei que vais. O Simão está a conduzir o mais rápido que pode.

- Cuidado, com a estrada não se brinca. – sorriu.

- Claro, pai. O Simão é bom condutor...

- E bom rapaz... Eu amo-te, meu amor... Sabes disso... Não sabes?

- Sim, pai. Eu também o amo muito...

- Não chores, meu amor... Por favor...

- Não, pai. Não choro.

- Amo-te.

- Amo-te. Simão...

- Rita?!

- Simão!
- Oh, Rita...

CAPÍTULO 9 – A FAMÍLIA DO PODER

- Os meus sentimentos...
- Obrigada...

Aquelas palavras pareciam nunca mais acabar... “os meus sentimentos”, “os meus pêssames”, “se precisares de alguma coisa”... Eu sei que são palavras de boa fé, ou, pelo menos, acredito nisso, mas cansa, porque já não basta ter de ver o meu pai, imóvel, deitado naquele... Caixão... E ainda tenho de ouvir as mesmas palavras, a todo o tempo... E parece que a minha professora de português percebeu isso:

- Olá, Rita. – Respondi-lhe com um aceno de cabeça e um olá muito baixinho – Não te vou dizer aquilo que todas as pessoas te têm dito quando não sabem o que fazer para te consolar. Até porque já deves estar farta de ouvir as mesmas palavras, por isso... Lembra-te que, em qualquer circunstância da tua vida, o teu pai tentou fazer-te, fosse de que maneira fosse, dando-te presentes, um abraço, um mimo, umas palavras amigas quando precisavas, feliz. Agora, apesar de já o teres feito feliz, muitas vezes, até pelo facto de nasceres, está na hora de o recompensares de uma maneira diferente, até porque ele está a ver-te de uma maneira diferente, agora. Chora, sofre e no final, ergue a cabeça, lembra-te de todos os “esforços”, que por acaso, o teu pai possa ter feito para te tentar fazer feliz e, sorri, pensa nele, veste o que quiseses sem pensar no que as outras pessoas possam dizer, vive a vida, como ele viveu, enquanto pôde e sabes bem que isso é verdade. Adeus.

- Obrigada, professor. Adeus. – Apesar de terem sido as mais difíceis de ouvir, aquelas foram as palavras mais verdadeiras e espontâneas que ouvi naquele momento. E as que faziam mais sentido... E vão ser essas palavras que vou tentar seguir à risca, sempre que estiver prestes a ir abaixo. Essas vão ser as palavras que nunca esquecerei. Ou que nunca vou tentar esquecer.

- Rita...
- Sim, Simão?
- Tu ainda não comeste nada e não pode continuar assim. A minha mãe trouxe sopa, está ali na cozinha. Vai comer um pouco.
- Não tenho fome...

- Por favor... Não te deixes ir abaixo... Tu sabes que não é isso que o teu pai ia gostar de te ver fazer. Pêlo menos tenta fazê-lo feliz.

- Olha, queres saber Simão? Para quê? Daqui a uns tempos, ou mesmo agora, ele já não se lembra de mim. O corpo dele está imóvel, o coração também, os seus olhos já não me vêem, os seus braços já não me podem abraçar... E com o espírito, esse, deves saber melhor do que eu o que já lhe aconteceu.

- Espera, onde vais?

- Apanhar ar.

- Desculpe, a Rita foi apanhar ar. Ela está muito cansada.

- Claro, é melhor ir ter com a minha sobrinha. Eu fico aqui.

- Obrigado. – Ele correu até mim e eu não consegui acelerar o ritmo – Rita!

- Deixa-me!

- Rita, eu sei o que tu estás a passar! Por favor, deixa-me estar contigo! Ajudar-te!

- Tu não me podes ajudar, o meu pai... Oh, porquê meu Deus?! É nesses momentos que eu preferia não saber o que sei sobre... Isto.

- Ouve, lembra-te do que te disse o professor de português. Ergue a cabeça.

- Mas... - deu-me um ataque de choro. Não consegui dizer mais nada a não ser... - Desculpa...

- Não faz mal. Eu sei que não fizeste por mal, mas, realmente, precisas de comer...

- Está bem... - comi a pedido do Simão e depois fui para casa. Sentei-me na mesa da cozinha e comecei a escrever no meu caderno, local onde podia afogar as minhas mágoas à vontade e ver se aliviava.

Ninguém imagina o quão difícil foi comer... Apesar de... Ver o meu pai... Daquela maneira e realmente perceber que... Nunca mais o ia ver... E que no final de contas, há quem trate tão bem o seu corpo, para depois acontecer, isto... Nós morremos e o nosso corpo vai, ou para debaixo da terra, ou somos queimados. Sim, porque para mim não existe o ser cremado, existe o fogo, o nosso corpo lá, a ser desfeito e nada mais. Pode ser que noutro momento da minha Vida, mude de ideias, mas agora, é assim que me sinto. Não há nada a fazer. Esta é a lei da vida. Infelizmente... Parece como um livro que li há uns anos atrás: li-o a saber que a protagonista morria e é o que acontece connosco. Nós vivemos a saber que vamos

morrer e por vezes não pensamos nisso, por cobardia. Apenas porque temos medo da morte.

- Achas mesmo isso, que estás para aí a dizer?

- Pregaste-me um susto... Sim, acho mesmo isso... Mas, não te preocupes, que vou fazer o que toda a gente quer... Vou “erguer a cabeça”.

- Ouve, não podes fazer isto por “toda a gente”, tens de o fazer por ti...

- Se eu tenho de o fazer por mim, tu e “toda a gente” não me esteja sempre a lembrar disso. Eu sei o que tenho de fazer, mas ao meu tempo... Está bem?

- Ok, tens razão. Está na altura de ser eu a pedir-te desculpa...

- Não faz mal. Mas eu só queria que percebesses a minha situação. O meu pai morreu, ontem... Deixa-me pensar melancolicamente, chorar, gritar, espernear, se for preciso...

- Compreendo... Mas quando estás a pensar voltar para a escola?

- Não sei. Depois de amanhã, talvez. Só tenho 3 dias de dispensa, depois tenho de voltar, por isso...

- Pois... Queres que fique contigo?

- Não, não tens que perder aulas por minha causa. Além disso, depois posso tirar apontamentos por ti.

- Sim, de certa forma se calhar tens razão. Mas sabes que se te sentires mal ou sozinha, liga-me. Eu saio da aula a correr.

“Pum, pum, pum”

- Quem é?

- A Mafalda.

- Entra...

- Olá. Desculpa não ter ido ao funeral do teu pai, mas depois do que se passou entre nós, eu pensei que fosse melhor assim...

- Se calhar, pensaste bem... – a Mafalda era a rapariga que, simplesmente, não gostava de mim, lá na turma, ou melhor, na escola e que fazia de tudo para me humilhar. Inclusive inventar que a minha mãe tinha deixado o meu pai, porque o tinha visto a fazer mal à sobrinha, coisa que nunca aconteceu e, que, ela nunca teve a decência de desmentir.

- Ouve...

- Não, eu não te quero ouvir. Vieram-te os remorsos, agora, foi? Eu não preciso da tua pena ou da tua ajuda. Eu só quero que te vás embora e que tenhas a decência de assumir o que fizeste e de nunca mais me dirigir a palavra.

- Eu tornei-me numa pessoa diferente...

- Depois de ontem?

- Não...

- A mim parece-me que foi! Já que nem depois de “mudares”, desmentiste o que inventaste sobre o meu... Pai...

- Não fui eu que inventei.

- A sério?! Como é que tu vens à minha casa, fazes figura de boazinha e ainda tens a coragem de me tentares enganar a dizer que não fizeste uma coisa que eu sei perfeitamente que fizeste! Eu ouvi-te a dizeres, na escola! Porque é que não admites?! Porque é que, pelo menos uma vez na vida, não fazes alguma coisa de jeito?! Caso contrário, sai da minha casa!

- Eu compreendo que estejas dessa forma, por isso eu não me vou importar que me trates assim...

- O quê?! Sai da minha casa já! Já! – Aquilo era demais, e definitivamente, ela escolheu muito mal o dia para tentar fazer teatro. Peguei num copo, que foi a primeira coisa que vi à frente e, quase que lho atirei para a cabeça.

- Hei, calma, Rita. Nem os teus gritos ela merece.

- Eu vou-me embora!

- Sim, é bom que faças isso, eu não estou a brincar!

- Acalma-te, ela já foi.

- Ai, que raiva! É que só me faltava esta gaja!

- Calma...

- Bem, eu preciso de uma coisa para me distrair... Quando é que continuamos com as investigações sobre a Margarida e o Tomás?

- Quando tu quiseres...

- Ok. Vem comigo até ao meu quarto e procuramos algo na internet. Situa-me, por favor... Queríamos saber mais sobre a família Cartwel, não era?

- Sim e ias mandar um *email* ao Sr. José Charrua.

- Ok... Então... “Senhor José Charrua, o meu nome é Rita Light e, como já deve ter percebido, eu sou descendente da família do Tomás e da Margarida Light. Eu e um amigo, Simão Albuquerque, andamos a investigar um assunto que diz respeito a

isso e gostávamos que se encontrasse connosco, pois o seu *site* chamou-nos a atenção. É urgente. Assim que ler este email, dê-nos uma resposta para o endereço electrónico, indicado no remetente. Com os melhores cumprimentos, Rita Light e Simão Albuquerque” O que achas?

- Está perfeito, acho que ele vai perceber muito bem.

- Eu também acho. Bem, agora temos que procurar informações sobre a família Cartwel.

- Sabes, eu admiro-te muito.

- Obrigada... Mas, porquê?

- Porque... Mesmo depois daquilo que te aconteceu, tu consegues pensar nesta história...

- Sabes, é difícil, mas contigo ao meu lado... É tudo muito mais fácil. Olha, achei um documento que fala dos Cartwel, ou melhor, do ódio que eles sentem...

CARTWEL, A FAMÍLIA DO PODER

MORTE: M-O-R-T-E...

HÁ QUEM DIGA QUE NINGUÉM A MERECE...

QUE É TRISTE DEIXAR ESTE MUNDO...

QUE NÃO SE DEVE DESEJAR A MORTE A NINGUÉM...

MAS EU NÃO ME IMPORTO COM ISSO.

EXISTE UMA FAMÍLIA INTEIRA A QUEM EU DESEJARIA A MORTE

TODAS AS VEZES QUE FOSSEM PRECISAS:

LIGHT!

ESTE SITE É DEDICADO À FAMÍLIA CARTWEL, A FAMÍLIA DO PODER E À ÚNICA COISA QUE ESTA ODEIA: A FAMÍLIA LIGHT, QUE É A PIOR E MAIS REPUGNANTE FAMÍLIA DE SEMPRE! E NÃO TERIA PROBLEMAS NENHUNS EM CONTAR-VOS A HISTÓRIA E DIZER-VOS O PORQUÊ SE A LISTA NÃO FOSSE INFINITA! DE QUALQUER MANEIRA, SE TIVEREM MESMO A URGÊNCIA DE SABER A HISTÓRIA, MANDEM UM EMAIL PARA familiapoder@portugalmail.com.

- Bem, este rapaz não gosta mesmo da tua família...
- Pois... Então parece que é só de mim que ele não gosta...
- Não penses assim, agora eu faço parte da tua família também.
- Obrigada por seres tão querido. Bem, como é que vamos atrair esse rapaz ou homem, ou lá o que é?
 - Não é ser querido. É ser verdadeiro. Epá, não sei. Sinceramente não sei o que o atraía mais: se uma Light, ou uma inimiga da Light...
 - Light... Luz... Nunca tinha pensado muito nisso, mas será que tem alguma coisa a ver com o que aconteceu ao Tomás e à Margarida?
 - Não sei, até pode ter. Quando encontrarmos o tal rapaz, fazemos com que ele nos diga.
 - Sim...

CAPÍTULO 10 – NUNCA... TE VOU AGRADECER...

Durante a noite, não consegui dormir. Fazia-me impressão saber que estava sozinha em casa. Saber que o meu... Pai não estava no quarto ao lado e que estava tudo completamente vazio. O Simão ficou comigo na noite em que tudo aconteceu mas depois teve de ir embora, a sua mãe é muito conservadora e não quis que ele ficasse mais dias comigo ou podiam pensar alguma coisa que ela não queria que pensassem. Bem, pelo menos, pensava que ele me ia deixar sozinha...

- Rita?!
 - Quem é?
 - Sou eu!
 - Tu, quem?
 - O Simão!
 - O quê... Mas tu és maluco ou quê?
 - Achas mesmo que eu te ia deixar aqui sozinha durante esses dias? Nunca!
- Abre-me mas é a janela, por favor.
- Sim, sim, já estou a ir! Como é que chegaste à janela?!
 - Bem, foi difícil subir a árvore que deu mesmo jeito estar ao lado da tua janela e, depois saltar, mas agora já estou aqui.
 - E ainda bem! Não estava a conseguir dormir...
 - Então aproveita agora, eu estou aqui...
 - Vem.

- Para a tua cama? Não preferes que eu durma no chão, com um cobertor ou assim?

- Não. Isso não tem jeito nenhum. – Ficámos tão aconchegados um no outro, que não resisti em sorrir.

- Rita.

- Sim?

- Eu amo-te.

- Simão...

- A sério. Não no sentido literal, mas no sentido poético da palavra.

- Literal? Poético?

- Sim. Literal é quando eu olho para ti e apetece-me beijar-te, pedir-te em namoro... Essas coisas, sabes? Poético, é quando eu olho para ti e apaixono-me pela pessoa que és, pela tua força, pela tua inteligência, pelo modo como olhas para mim. Percebes?

- O modo como eu olho para ti?

- Sim. Eu gosto, é diferente da maneira como as outras pessoas me olham. É especial.

- Sendo assim... Eu também te amo.

- Sabes, não precisas de me dizer isso como forma de retribuição.

- Não é por causa disso, a sério. É que, agora que disseste isso, sinto tudo aquilo do que tu falaste, só não conseguia arranjar uma palavra.

- Então, mas amas-me no sentido literal ou poético?

- Só tu para fazeres uma pergunta dessas num momento tão natural e verdadeiro.

- Então, mas eu estou curioso...

- Bem... Eu amo-te muito numa forma poética, mas não te vou mentir... Eu sinto um amor literal por ti... Assim... Um pouquinho... Uma atracção...

- Ok, é natural.

- Simão!

- Eu estou a brincar, tu sabes...

- Sim, eu sei. Olha, estou a ficar com um bocado de sono...

- Ok... Não te esqueças que vou estar sempre aqui.

Adormeci depressa. Mas também rapidamente acordei, depois de ter sonhado com uma coisa horrível:

- Simão!
- O que se passou?
- Tive um pesadelo... Um rapaz de cabelos loiros estava a lutar contigo e era muito mais forte e tu estavas a perder e...
- Calma. Onde é que estava a acontecer?
- Aqui...
- Como vês não tem nada, por isso podes voltar a...

De repente, a janela do meu quarto abriu-se num estrondo e entrou no quarto o rapaz loiro com quem eu acabara de sonhar. Agora, via-se nitidamente a cara dele. Tinha uma crista e uns olhos castanhos como o chocolate de culinária com os quais eu fazia bolos para o meu pai. A sua voz era forte e delicada, mas transmitia um grande tom de raiva que me assustou:

- Finalmente encontrei-te!
- Que queres dela?
- Não é nada contigo, Simão!
- Estás muito enganado!
- Por favor, acalmem-se, nós podemos resolver isto sem brigas. Como é que sabes o nome dele?
- Eu sei tudo o que quero saber.
- Então devias saber que tudo o que tem a ver com ela, tem a ver comigo!
- Sai da frente!
- Quem é que me vai obrigar? Tu?
- Simão, por favor sai, eu não quero que te magoes...
- Rita, e eu não quero que te magoes a ti.
- Mas, se saíres da frente, ninguém se vai magoar, certo...
- ...Tiago. O meu nome é Tiago, embora não vás precisar muito dele.
- Nem penses em magoa-la!
- Aqui quem lê os pensamentos, sou eu, não és tu. Ah, e nem penses em dizer-lhe para ela correr. Eu antecipo todos os teus passos.
- Então, por favor explica quem és e diz-nos o que podemos fazer para que ninguém se magoe!

O Simão começou a fechar os olhos e a abanar-se muito rapidamente. Devia estar a ter uma visão.

- Ele é o Tiago Cartwel, o autor do *site* que nós estivemos a ver! O site em que alguém te desejava a morte!

- Ouve, nós podemos conversar, esclarecer as coisas...

- Não, Ritinha, não podemos! Eu não gosto da tua família e tenho que acabar com ela. Visto que só faltas tu... E não me apetecia nada ter que acabar com uma família Albuquerque...

- Olha que eu...

- Calma, Simão... Tiago, tu tens mais ou menos a minha idade, certo?

- Sim... Mas o que tens a ver com isso?

- Tu... Aconteceu-te o mesmo que a nós... Só que o espírito com o qual ficaste é o de uma pessoa que tem algo contra o Tomás Light, mas que não consigo perceber o que é. O que te aconteceu foi ouvires os pensamentos dela e quais as razões que ele apresentou para isso. Antes de vires para aqui, os pensamentos dela informaram-te sobre nós, visto que ele pode estar em qualquer lado... Tu não lês os pensamentos, tu só queres que nós pensemos isso!

- Perspicaz, mas enganada!

- Ainda assim, tentas disfarçar, mas não consegues.

- Cala-te! Cala-te!

- Ouve, eu não te quero irritar nem nada do género. Nós podemos resolver as coisas doutra forma...

- Não, não podemos! Vocês foram os que começaram a remexer neste assunto, como sempre! Raio de intrometidos... Agora, são vocês que têm de pagar pelas consequências!

- Ouve, tu não tens de ser como esse espírito que está no teu pensamento, podes ter uma Vida normal.

- Não, não posso. Eu sou isto! Sou o espírito que me foi destinado!

- Ouve... Um dia, houve uma pessoa muito especial que me disse que todos são autênticos de uma certa forma. Que podemos ter um espírito que já foi de outra pessoa, mas o nome... A família... O corpo... Vão ser sempre nossos e mais ninguém os pode ter, mesmo que queira...

- ...Não, Ritinha! Eu não penso assim, e não tentes distrair-me, porque eu vou acabar contigo!

- Corre, Rita!

- Simão!

O Simão agarrou-me pelo braço e descemos as escadas tão rapidamente, que nem sei como não caímos. Estava aterrorizada ao saber que o meu plano não tinha resultado. Pensava mesmo que o Tiago podia ceder, mas o seu espírito tinha tanta influência sobre ele... Tal como o meu tem sobre mim ou o do Simão sobre ele...

- Tu conheces a casa melhor do que eu, para onde vamos?

- Sei lá, para a rua?

- Pois, tens razão. Temos mais lugares para onde fugir.

- Vocês pensam mesmo que me podem escapar! Eu apanho-vos onde e quando quiser! O meu espírito sabe tudo o que vocês fazem antes de o fazerem!

- Isso pensas tu! Nós conhecemos melhor a cidade do que esse teu espírito assassino de gente inocente!

- Como é que sabes que o Tomás... Light era inocente?

- Claro que é... Era...

- Como é que sabes? Diz!

- Vocês é que nos estão a atacar.

- Alguma vez te deste ao trabalho de contrariar o teu espíritozinho e ver se ele fez alguma coisa de mal? Alguma vez te deste ao trabalho de procurar saber se ele era um assassino? Se se tinha suicidado, antes de nos estares a acusar?

- Simão, ele está a ver se te confunde. Ele quer que nós fiquemos sem reacção para nos poder apanhar. Não cedas!

- Cala-te miúda irritante sempre armada em esperta! O Simão sabe que o que eu estou a dizer faz sentido! Pelo menos era mais justo se parassem para procurar as respostas do que realmente interessa e deixassem de acusar o meu espírito injustamente!

- Ela não é uma miúda irritante! O nome dela é Rita e eu vou protegê-la!

Pegou-me outra vez pelo braço e corremos para o meu mais longe que conseguimos. Infelizmente o Tiago apanhou-nos e encurralou-nos no cemitério. Pegou no Simão e deu-lhe um safanão que fez com que ele escorregasse pela erva e batesse numa campa.

- Simão! O que é que lhe fizeste, Tiago?

- Olha para trás, Simão. Vê para onde te atirei. Devias agradecer-me...

- Nunca... Te vou agradecer...

- Isso é uma palavra que envolve tempo demais...

Ao dizer isso, desapareceu, enquanto eu corria para perto do Simão. Ele olhou para mim e inquiriu:

- Porque razão é que ele me atirou para aqui? Não é a campa de ninguém que nós estamos a investigar... Não é Light, não é Cartwel, não é Charrua...

- Ouve, ele fez isto por alguma razão. Para me magoar não foi, porque ele teve a oportunidade e não a aproveitou. O que podemos fazer é experimentar a falar com o padre e ver quem esteve aqui, nos anos anteriores.

-Melhor... Conhecemos uma pessoa melhor para isso... José Charrua.

CAPÍTULO 11 – VELHO DE CABELOS BRANCOS, MEIO DESGRENHADOS

Decidi voltar para a escola mais cedo. Assim não passava tanto tempo, sozinha, e aproveitava para não perder aulas. Além disso tinha medo que o tal Tiago aparecesse de novo. Nunca se sabe o que vai no... Centro... De um espírito furioso e sedento de vingança.

- Tens a certeza que não queres aproveitar o resto da dispensa que tiveste?

- Sim.

- Então, estás pronta?

- Sim.

- Estás de poucas palavras...

- Contigo? Achas? Estava a pensar no que se passou ontem.

- Pois... Foi... Inesperado... Mas não nos aconteceu nada e isso é que interessa. Já viste se recebeste alguma resposta do senhor José Charrua?

- Não, mas ainda bem que me lembraste. Achas que dá tempo de ver agora?

- Sim, acho que sim.

Fui ver o meu *email*. Realmente tinha lá uma mensagem, desde o horrível... Dia em que o meu pai morreu. Estava tudo tão perfeito... A mensagem dizia:

Menina Light e menino Albuquerque.

Um dos meus objectivos de Vida é ajudar a honrar o nome da família Light. Vai ser muito bom conhecer uma descendente que, pelo que parece, é tão educada quanto eles eram. Sendo assim, espero que você e o seu amigo se possam encontrar comigo no café da esquina 244, Flores Velhas. Se tiver dúvidas, marque outro lugar perto desses locais para que possamos encontrar-nos.

Se não conseguir perceber quem sou, olhe para o rapaz de olhos azuis e cabelos curtos e pretos que estará ao lado de um velho de cabelos brancos, meio desganhados.

*Atenciosamente,
José Charrua*

- Podes responder-lhe que nos encontramos onde ele quer, hoje à tarde, depois das aulas, se puder ser.

- Já está.

- Pronta para ir para a escola?

- Já te disse que sim.

Cheguei à escola e todos olhavam para mim de maneira diferente. Com pena. E isso era uma coisa que me irritava profundamente. Mais uma vez, eles não faziam por mal, mas não conseguia ficar de outra forma. Sentia-me... Observada demais. Era como se toda a minha privacidade tivesse acabado. Tal como a Vida do meu pai. Passou pouco tempo, mas eu estou a tentar ultrapassar e assim... É difícil. Até nas aulas parece tudo diferente. Com os colegas, com os professores. Só me apetece gritar, mas acho que não faria grande diferença.

- Acreditas que ela ia-me atirando o copo para a cabeça?

- Não acredito, Mafalda. A sério?

- Claro! Eu, que fui a casa dela, de propósito para lhe dar os meus pêsames e ela fez-me aquilo!

- Mas, também depois daquilo que tu descobriste sobre o pai dela...

- Ela não conseguiu acreditar.

- E aceitar...

Aquilo era o cúmulo! Ela estava a falar de mim?! O dia não correr melhor, sinceramente!

- Tens alguma coisa para me dizer, Mafalda?

- Não, Rita. Porquê? Vieste pedir-me desculpa?

- Achas?! Claro que não! Tu é que devias pedir-me desculpa.

- Eu! Porquê?

- Olha, primeiro porque nunca tiveste a decência de desmentir o que inventaste. E depois, porque eu estou mesmo ao teu lado, a ouvir-te falar de mim, quer dizer, a menos que mais alguém te queira atirar copos para a cabeça, o que até

devia ser compreensível. E o pior é que quando te digo para me dizeres o que queres, à minha frente, na minha cara, tu mentes! És tão mau carácter!

- Não tens provas de que o que eu “inventei” é mentira.

- Não tenho provas materiais, mas a palavra do meu pai vale muito mais do que a vossa! Foi ele quem sempre me apoiou e nunca me desiludiu! E ouço-vos tantas vezes a falar mal dos vossos pais, que eles são isso, que eles são aquilo, mas um dia que vocês os percam, verdadeiramente, é que vão perceber que não haverá mais ninguém para vos pagar todas as regalias, como por exemplo, malas, maquilhagem e roupa de marca! Aí, vocês vão perceber a falta!

O Simão viu-me de lágrimas nos olhos e decidiu acabar com aquilo, antes que eu desatasse a chorar, mesmo sem querer:

- Rita, deixa-as. Vamos embora.

- Isso! Agora salva-a! Faz o papel do pai que ela já não tem!

- Por favor, cala-te, Mafalda! Sempre a lançar veneno...

- Tu és tão giro para uma rapariga como ela...

- E tu és tão maldosa para um rapaz como eu...

Podia estar com muita vontade de chorar, mas aquilo foi tão bem dito, que era capaz de dar uma gargalhada daquelas bem grandes e audíveis só para a pôr ainda mais abaixo. Ainda assim não me conseguia esquecer do que ela tinha dito ao Simão... Se calhar não era justo que ele andasse sempre comigo e me protegesse como um... Pai. Mesmo que eu e ele não o víssemos como tal. Se calhar eu não era demasiado “boa” para ele.

- Estás bem?

- Sim.

- Olha que pela tua voz não parece...

- Mas eu estou bem, deixa lá.

- O que é que se passa?

- Já te disse que não se passa nada!

- Já te “espalhaste”. Eu sabia que se reagisses mal, passava-se alguma coisa.

O que é. Diz, por favor. Eu quero ajudar-te.

- Pois, o problema é esse, tu queres sempre ajudar-me.

- O quê?

- Já pensaste que se calhar, tu proteges-me como... um pai?

- O quê?

- Podes parar com isso?

- O quê? Eu não estou a acreditar. Eu protejo-te porque gosto de ti! Eu passo o meu tempo contigo porque gosto de ti! Porque sou teu amigo! Qual é o problema?

- O problema é que se calhar não sou demasiado boa para ti! Se calhar as outras pessoas vêem-te como um pai e não como um amigo, para mim!

- E o que é que as outras pessoas têm a ver connosco!?

- Não sei! Só não quero pensar que te estou a condicionar! Que te estou a ocupar o tempo todo!

- Mas eu não acho isso!

- Mas eu não consigo deixar de pensar nisso!

- Olha, queres saber? Isso é paranóia tua! Mas se achas que me estás a prejudicar e, ao ir-me embora vou fazer-te sentir melhor, tchau!

- Simão, não era isso...

- Esquece!

O que é que eu fiz?! A Mafalda conseguiu o que queria! Utilizou as minhas inseguranças para me afastar do Simão! Eu não estava a acreditar naquilo! Ai, fui tão parva! Mas agora não há nada a fazer. Basta só esperar que o tempo cure tudo.

Esprei um bocadinho pelo Simão mas, como já era de prever, ele não apareceu e acabei por ir ao encontro com o José Charrua, sozinha.

- Senhor José Charrua?

- Sim, sou eu. Menina Light?

- Sim.

- Sente-se, por favor.

Sentei-me. Via-se que o senhor Charrua tinha uma idade elevada, mas mostrava uma certa energia e cavalheirismo que alguns jovens não tinham. Jovens... O Simão devia estar ali comigo, acho que nunca me vou esquecer do erro que cometi...

- Obrigada por ter aceitado falar comigo.

- Não tem de quê, mas não vinha um rapaz consigo?

- Pois... Ele não veio, porque, por vezes eu consigo ser muito burra...

- Eu não acredito nisso, mas compreendo.

- Pois... Obrigada. Como é que se chama o seu neto?

- Miguel.

- Ok. Bem, tem alguma coisa que queira salientar nesta conversa?
- Não, eu estou aqui para responder às suas perguntas...
- Ok... Então, bem, como era a família Light?
- Definitivamente, não era uma família normal. Era generosa, trabalhadora...
- Porque é que não era uma família normal?
- Bem... Esta história do paranormal... Não vem de agora... A família Light tinha um cão chamado Riggins que era muito estranho. Ele nunca parava de uivar e parecia que estava a comunicar com espíritos, mas como era muito querido da família, nunca foi morto. Até que enlouqueceu, começou a não reconhecer os membros da família que sempre tratou dele... E atacou a Sra. Luísa Light, quando ela estava grávida dos gémeos Tomás e Margarida.
- Atacou?!
- Sim, mordeu-lhe uma perna. O que valeu à Sra. Light foi que o seu marido estava por perto e nem pensou duas vezes: cortou a cabeça ao cão com uma catana e levou-a ao hospital.
- E depois, o que lhe aconteceu?
- De vista, ficou tudo bem. Eles fizeram-lhe um curativo como conseguiram e a gravidez decorreu sem problemas. Os bebés nasceram, cresceram...
- E começaram as coisas estranhas...
- Sim. A Margarida começou a ter sonhos muito parecidos uns com os outros, que depois vinham a ter semelhanças com coisas que lhe aconteciam na Vida e o Tomás começou a ter visões e... Miguel, como é que se diz?
- *Flashbacks*.
- Isso. *Flashbacks* de pessoas que nunca conhecera, provavelmente os espíritos com quem o Riggins comunicava. Felizmente, os anfitriões da sua família lembraram-se do antigo cão e ajudaram os filhos a compreender o que lhes tinha acontecido.
- Os estranhos “poderes” do cão tinham passado para eles de maneira diferente...
- Sim.
- Mas não apenas através dos sonhos, visões e flashbacks... Os poderes do Riggins fizeram com que eles conseguissem controlar os seus espíritos depois da morte...
- Perspicaz, como eu sempre pensei que fosse...

- Obrigada. Mas, e a família Cartwel, onde é que entra nesta história?

- Pois... Essa família... Não acreditou no que estava a acontecer ao Tomás e à Margarida e... Comprou uma guerra que acabou por matar o Tomás.

- Como é que se chamava o rapaz que matou o Tomás Light?

- Martim Cartwel.

- Acha que esse Martim Cartwel matou o Tomás, por lhe ter acontecido o mesmo que a ele?

- Desculpe, como assim?

- O Martim Cartwel também consegue controlar o seu espírito depois da morte... Não sabia?

- Como é que isso é possível?

- Não sei, mas ainda ontem estive com o rapaz que está com o espírito dele, agora... Quer dizer, eu ainda não sei concretamente, mas tenho 99,9% de certeza de foi isso que aconteceu.

- Em que circunstâncias?

- Circunstâncias? Desculpe, não percebi...

- Sim. Em que circunstâncias esteve com esse tal rapaz?

- Ele entrou pela janela do meu quarto e tentou atacar-me. Quer dizer, ao princípio parecia isso, mas depois, percebemos que ele só nos queria mandar uma mensagem.

- Quando é que a menina percebeu isso?

- Quando eu e o Simão fugimos. O Tiago, nome do rapaz que, supostamente, está com o espírito do Martim agora, encurralou-nos no cemitério, empurrou o Simão para uma campa e chamou-lhe a atenção para o local onde ele tinha caído.

- Qual... Era o número da campa?

- Não sei... Estava escuro... Nem prestei atenção a isso, apenas à localização... Estava com esperança que me pudesse dizer se alguém relacionado com esta história jazeu lá, mas agora é que reparei que sem o número da campa...

- Não se preocupe. Aliás, se não se importar, o meu neto Miguel vai consigo a essa campa para dar a resposta à sua pergunta. Ele sabe tudo o que eu sei.

- Sim, claro. Quando e a que horas?

- Hoje à noite, às 9 horas. Se não tiver medo, claro.

- Medo? Claro que não. – Escrevi a minha morada num papel e entreguei-o ao Miguel – Esta é a minha morada. Estarei pronta à hora combinada.

- Está bem.

CAPÍTULO 12 – NÃO VAI MESMO VOLTAR A ACONTECER...

É estranho pensar que toda esta história começou num cão... Que foi por causa dele que eu conheci o Simão... Uma pessoa que está a sofrer para se manter longe de mim, apenas porque eu me estava a sentir mal com ele ao meu lado. Mal sabe ele, neste momento... Mal sabe ele que me sinto muito pior agora... Pensando bem, nem sei se faz sentido continuar esta história sem ele... Tenho que telefonar-lhe...

Ouçó alguém bater à porta.

- Quem é?

- O Miguel.

Fui abrir a porta. Não esperava que ele viesse tão cedo.

- Desculpe, mas acho que não foi essa a hora que combinámos...

- Sim, eu sei, espero que não se importe, mas apareceu um compromisso à mesma hora e não posso mesmo faltar.

- Não faz mal...

- Ainda bem. Vamos, então?

- Sim.

Entrámos para o carro. Achei estranho visto que o cemitério era relativamente perto, mas pronto.

- Então, Rita, que idade tens?

- 18, e você?

- 21.

- Ok.

Ele olhou para o telemóvel e virou o carro para o lado oposto ao do cemitério.

- Desculpe, Miguel, mas o cemitério não é para esse lado.

- Oh, eu sei, mas recebi uma mensagem de emergência e temos de fazer um pequeno desvio...

Aquilo era muito estranho, eu nem o conheço o suficiente para fazer um “pequeno desvio” com ele.

- Ouça, se preferir, podemos combinar isto para outro dia, até me pode deixar aqui, se quiser.

- Não, claro que não. Não vou deixar a menina sozinha na rua, agora anoitece muito cedo.

- Então vá-me levar a casa, a sério, eu não me importo que fique para outro dia.

- Desculpe, mas estou mesmo com muita pressa, está com medo de ir comigo?

- Se estivesse, não era de espantar, mal o conheço.

- Está mesmo com medo?!

- Eu não disse isso, mas, se calhar, sim, estou com receio de ir fazer um “pequeno desvio”, consigo.

Ele parou o carro de repente e senti um arrepio que percorreu todas as partes do meu corpo. De uma altura para a outra, surpreendentemente, ele já não parecia ter pressa.

- Você... Está com receio... De estar comigo...

A maneira como ele falou fez-me lembrar o Tiago. Foi tão semelhante...

- De repente perdeu a pressa...

- Isto... Abalou-me profundamente. Nem me conhece... E já está com receio de mim...

- Sinto isso, exactamente por essa razão. E também porque... Parece que... Me está a comer com os olhos. E o seu falar... De uma altura para a outra... Passou a soar de uma maneira um tanto quanto... Perturbante...

- Perturbado?! Agora sou perturbado!

- Está a passar para o agressivo...

- Quer ver o que é agressivo?! Eu mostro-lhe o que é agressivo!

- Perigoso... - Trancou as portas do carro e deu-me um estalo, tão rápido, que nem tive tempo de reagir.

- O que está a fazer... - deu-me outro estalo. Agora mais forte.

- Porque é que me está a fazer isto?! – Desta vez, empurrou para trás o banco onde eu estava sentada, e veio para cima de mim.

- Largue-me! Era isto que queria desde o princípio!? – Deu-me um murro na boca, como que para me calar e começou a rasgar-me a camisa. Aí não aguentei mais, parei de falar e passei à acção: dei-lhe uma joelhada na... Zona mais sensível dos homens e que normalmente as mulheres usam para se defender, consegui destrancar a porta do lado onde eu estava sentada e fugi enquanto ele se contorcia com dores. Corria e chorava ao mesmo tempo. Não sabia que fazer, para onde ir.

Aquele era um desvio com o qual eu não estava a contar e, com os nervos, esqueci-me do caminho pelo qual tinha vindo. Mesmo assim, apercebi-me de uma coisa incrível: não conseguia deixar de pensar no Simão. Não me lembrava das dores, do frio, das roupas rasgadas, só pensava “estou a pagar pelo que fiz ao Simão, fi-lo sofrer por causa de parvoíces minhas e estou a pagar. Neste momento, se não me tivesse vindo aquele estúpido pensamento à cabeça, o Simão estava comigo agora e isto não tinha acontecido. Estou a pagar.”.

Continuava a correr, sem rumo definido, até que reconheci uma casa. Ou melhor, um casarão, para o qual já não ia à muito, mas cuja pessoa que lá vivia era muito importante para mim. E, em vez de me lembrar de ir bater à porta, sentei-me no meio da estrada e comecei a gritar:

- Socorro! Socorro! Por favor, ajuda-me! Simão! – Visto que não haviam muitas habitações à volta da casa dele, as luzes de lá foram as únicas a acender, seguidas de espreitadelas à janela. Claro que eu só olhava para a janela do quarto dele, à espera de ver a sua carinha de rapaz lindo, brincalhão e responsável que, mal me viu no estado em que estava, só não saltou pela janela, porque era muito alta.

- Rita, o, o que é que te aconteceu?!

- Parece que não me sei defender sem ti...

- Entra comigo, quero que vejas o estado em que estás e me contes como isso aconteceu. Tentaste matar-te?!

- Não!

Ele levou-me até à casa de banho que tinha o maior espelho da casa, para que eu pudesse ver bem o meu estado. Realmente, não pensava que estivesse tão... Assustadora. Tinha a boca rebentada, com sangue, os cabelos despenteados, as calças sujas, a camisa completamente rasgada e o casaco... Devia ter ficado no carro, com a minha mala.

- Bem... Estou... Assustadora...

- Sim, estás! E nem imaginas a maneira como estavas sentada no meio da estrada! Eu ia morrendo de aflição quando te vi!

- Simão, filho, o que se passou com a Rita? Ela está bem?

- Não se preocupe, mãe. Agora ela está bem, porque eu vou tratar dela.

- Está bem, então vou-me deitar, mas quero saber bem essa história toda!

- Boa noite, mãe.

- Boa noite, filho.

- Por favor, Rita, agora diz-me. O que é que se passou?
- Lembras-te que no dia em que... Eu me armei em menina insegura e fiz com que te sentisses mal e...
- Sim, eu sei.
- Nós tínhamos o encontro com o Sr. José Charrua e o neto, Miguel.
- Sim.
- O que aconteceu é que nós conversámos lá no local onde nos tínhamos combinado encontrar e o Sr. José Charrua contou-me o porquê da minha família ter essas... Tendências para o paranormal.
- Então?
- A minha família de antepassados tinha um cão chamado Riggins que, ao que parece, comunicava com espíritos.
- Como é que eles sabiam isso?
- O cão agia de maneira estranha, nunca parava de uivar e essas coisas e, sabes como era antigamente... O que não era habitual ou normal, era doutro Mundo.
- Sim. Mas essa ideia de o cão comunicar com espíritos, não os assustava?
- Pois, não sei, o que o Sr. José Charrua me contou foi que nunca o mataram, porque ele era um animal muito querido da família.
- Pois...
- Bem, continuando, o Riggins enlouqueceu, começou a não reconhecer os membros da minha família e... Atacou a Sra. Light, quando ela estava grávida do Tomás e da Margarida.
- Atacou? Mas, matou-a mesmo?!
- Não. Se não a Margarida e o Tomás não tinham nascido.
- Pois... Desculpa, mas esse teu estado desconcentra-me, destabiliza-me. A história vai ser longa, por isso vou buscar-te roupa da minha irmã e pôr-te um penso aí nessa ferida.
- Não. Por favor, agora deixa-me acabar. Está quase.
- Está bem...
- Os “poderes” do cão passaram para a Sra. Light e os “poderes” da Sra. Light passaram para os filhos mais novos que estavam dentro dela aquando do acidente, o que lhes permitiu fazer o que nos juntou: controlarem o seu espírito depois da morte.
- Então... E a campa. Soubeste de alguma coisa?

- Pois... Eu comecei a falar nisso, mas o Sr. Charrua ficou um bocadinho estranho, a fazer mais perguntas a mim do que eu a ele, eu não soube explicar qual era a campa e... Resultou nisto.

- Desculpa, mas não acompanhei a tua explicação.

- Como eu não sabia qual era o número da campa, nem nada que a identificasse para eles a reconhecerem por algum motivo, ficou combinado que, hoje, eu iria com o neto do Sr. Charrua, o... Miguel - Disse esse nome com repugnância e nojo e o Simão percebeu, mas eu continuei a falar. Ele já iria compreender o porquê. – ao cemitério, para lhe mostrar qual era a campa em questão. Houve um “pequeno desvio” – disse esta expressão também com repugnância e o Simão percebeu, mas, mais uma vez, ele já iria compreender. – e aconteceu-me isto.

- Como?! Ele... Atacou-te?! – Não foi preciso fazer muito para ele perceber que a resposta era sim. Bastou um simples baixar de cabeça e ele exaltou-se tanto que até me assustei – É pá, eu juro que lhe vou à tarola!

- Acalma-te, ainda acordas a tua mãe e, já bastaram os meus gritos, sentada no meio da estrada...

- Que idade é que ele tem?!

- 21...

- Ainda por cima! Ele não sabe arranjar miúdas da sua idade para namorar, casar, fazer lá o que quiser?! Desculpa, eu não te devia ter deixado na escola...

- Não, não te sintas culpado, tu tens o direito de te fartares como todas as outras pessoas. Eu é que tenho “explodido” sempre que quero e tu aturas sempre. Também tens o direito de rebentar. Acredita. Não vai voltar a acontecer...

- Dá-me um abraço... - nem me deu tempo para retribuir, agarrou-me e ficámos daquela forma o tempo suficiente para matarmos as saudades que tínhamos um do outro. – Não vai mesmo voltar a acontecer...

CAPÍTULO 13 – QUEBRAR O CLIMA

- Custou muito ir apresentar queixa?

- Não, Simão, mas o neto do senhor Charrua sabe onde eu moro e, quando souber que eu apresentei queixa, pode vir aqui a qualquer momento...

- Não te preocupes, eu sei que não sou assim tão bom defensor como pensava mas se for preciso, vais para minha casa durante uns tempos. Ele não sabe onde eu moro...

- Já te incomodaste muito por minha causa, não quero que condicione a tua Vida por mim, já sabes...

- Sim, eu sei e não vamos voltar ao mesmo assunto, por favor...

- Está bem... - veio-me um pensamento completamente inesperado, talvez absurdo, mas que era genial e poderia mudar o rumo da história que não andava para a frente - Estou a pensar... Nós envolvemo-nos numa história que nem conhecemos realmente... Nós pensamos que o Tomás e a Margarida são os bons da fita, mas e se não forem?

- Não... Isso não pode ser... As minhas visões, os teus sonhos...

- Pode. Os espíritos do Tomás e da Margarida podem estar a enganar-nos desde o princípio. Eles tinham tudo a seu favor: não conhecermos a história deles, não compreendermos o que se passava connosco e imagina, se eles têm a dádiva, honra, sei lá, de controlar o seu espírito depois da morte. Quem é que nos pode garantir que eles não nos podem enviar informações falsas para defendermos uma coisa má que eles não querem que se saiba? Se calhar, os espíritos não aguentam ficar mal lembrados e querem que nós honremos o nome deles...

- Tu acreditas mesmo no que estás a dizer?

- Sim, acredito. E repara: um rapaz que tem o espírito do Martim Cartwel indicou-nos uma campa que, pelo que ele disse, tem a ver com alguma coisa má relacionada com o Tomás Light. Quando tentámos descobrir mais sobre isso, aconteceu sempre alguma coisa para que esta história não andasse para a frente. Sempre! No encontro, não obtive resposta nenhuma, apenas um comportamento muito estranho por parte do Sr. Charrua e quando tentei ir ao cemitério com o Miguel, ele fez-me aquilo que fez. Eles não querem que nós percebamos o que está diante dos nossos olhos!

- E como é que pensas comprovar isso?

- Não sei... Mas tudo começa com uma ideia...

- Tudo começa com uma ideia, *ok*... Mas... Pensa no que te vou dizer... Se os espíritos estivessem a tentar que ninguém descobrisse o que eles fizeram, não te iam deixar pensar assim... Afinal, eles são a tua mente.

- Olha, não sei, mas tive essa ideia e vou seguir com ela.

- E eu vou ajudar-te, claro.

- Obrigada. – Sorri e ele retribuiu da mesma maneira. Estava a tornar-se difícil controlar o crescimento do amor literal que sentia por ele. Sempre que ele dizia

aquelas coisas, daquela forma, só me apetecia desistir de me controlar e... Abraçá-lo sem medo do que pudesse acontecer... Mas isso era eu. Não sabia o que ele sentia, por isso, há que quebrar o clima que se estava a tornar cada vez maior a cada minuto que passava. – Bem, temos que pensar muito nesta nova teoria.

- Porque é que fazes isso?

- O quê? – Começou a aproximar-se de mim, lentamente.

- Tu... Tentas sempre quebrar o clima...

- Qual clima...?

- Este. – Beijou-me. Fiquei sem saber o que pensar. Parece que ele adivinhou os meus pensamentos, aliás, sempre os leu desde o princípio. – Desculpa, não devia ter feito nada sem te pedir...

- Não, não faz mal... Eu... Também queria. Só não tive a coragem que tu tiveste...

- Então... Naquela vez que disseste que sentias um amor literal por mim, ele era tão grande como o poético?

- Não sei... Provavelmente... Mas o meu amor em geral por ti cresce tão rápido que nem consigo definir o quanto...

- Bem, então ainda bem que fiz isso... Porque se não gostasses de mim como eu gosto de ti, tinha levado um valente par de chapadas.

- Pois... Eu acho que nunca te faria isso, mas nunca se sabe... - rimo-nos. – Sabes, já que estamos nesta onda de amores, brincadeiras e sinceridade, posso admitir com toda a certeza que gostava que o beijo tivesse durado mais tempo...

Ele riu-se e respondeu:

- Mas isso não é problema. Podes ter todos os beijos que quiseres, quando quiseres, a todas as horas, minutos, segundos...

- Oh, que querido, mas então do que é que estás à espera? – Íamos começar a beijar-nos novamente, mas o telefone tocou, na altura mais errada que podia ter tocado. – Já volto.

- Rita, és tu quem está a falar ao telefone?

- Sim, rapaz que ainda não me disse o seu nome... Quem és?

- Sou o Tiago. Agora que sei que percebeste o porquê de ter empurrado o Simão para aquela campã, preciso de te ajudar, a ti e ao Simão.

- Mas, como é que sabes isso, ainda não tinha dito a ninguém...

De repente, empolguei-me e o Simão percebeu isso, pela minha voz:

- Quem é que está a falar ao telefone, contigo?

Pus a mão no telefone e respondi ao Simão:

- O Tiago.

- Quem é que disse o meu nome? – Lá estava o Tiago do outro lado da linha a falar, ao que eu lhe respondi:

- Espera um pouco. Simão, estou a falar com o Tiago, espera um bocado que já te digo tudo.

- Coloca em altifalante.

Pus em altifalante. – Tiago, não chegaste a responder. Como é que sabias que tinha percebido o porquê do que tu fizeste se ainda não disse isso a ninguém, a não ser hoje, ao Simão.

- Pois, ao que parece o vosso primeiro beijo um com o outro foi muito apaixonado...

- Tu estás a espiar-nos?!

- Não é bem assim, ia a passar e... Sim, estou.

Fiquei boquiaberta e, ao que parece, o Simão também, porque quando olhei para ele, estava exactamente da mesma maneira.

- Como é que sabias que eu ia perceber tudo hoje?

- Ao que parece, os espíritos que se conhecem pressentem-se em alturas de acontecimentos importantes e o teu espírito ficou muito intrigado. O meu espírito deduziu logo o que ia acontecer.

- Se o meu espírito é a minha mente, como é que eu consegui pensar numa coisa que a Margarida não queria que eu pensasse?

- É importante que saibas disso, mas é mais confortável se me deixares entrar, visto que estou tão perto da tua casa.

- Ok, vou abrir-te a...

- Olá, de novo!

- Porta.

- Desculpa não ter esperado para acabares de falar mas estava a ficar frio e eu sabia que me ias deixar entrar.

- Pois, pois... - quando ouvi o Simão a dizer aquilo, percebi que ele ainda estava meio desconfiado com o Tiago, depois daquele susto que passámos no dia em que o conhecemos.

- Oh, olá Simão! Desculpa lá aquilo da outra noite, mas tinha que arranjar uma maneira de vos dar uma pista para que a Rita percebesse tudo.

- Não seria mais fácil se nos tivesses dito normalmente?

- Não, porque assim que soubessem que o meu espírito é Cartwel, consideraram-me iam um inimigo.

- Pois, ele tem razão, Simão.

- Sim, pensando nesses termos, tens razão. Desculpa...

- Não tem mal, Simão. Rita, acerca daquela pergunta que tu me tinhas feito, o que tu tiveste chama-se pensamento individual. É como se o teu coração ou o teu corpo se separassem da tua mente e trabalhassem por si só. Quando a tua mente não tem força suficiente para se “desligar” do teu corpo, a Margarida pode controlar os teus pensamentos e impedir-te de pensar no que queres. Quer dizer, desligar como quem diz, claro que tu não desligas... Agora, quando tens força suficiente para te controlares e, acredita que em pessoas como tu isso é muito difícil e raro, mesmo que não sintas essa força, juntas as peças mais facilmente e descobres aquilo que o teu espírito quer esconder.

- E... Há maneira de eu fazer isso mais vezes, quando quiser?

- Pode ser mais difícil, porque a Margarida vai estar bem atenta, mas não é impossível.

- Mas, o que é que ela pode fazer para que isso aconteça?

- Pois, Simão... Não sei.

- Tiago, agora que descobri o que querias, o que me podes contar sobre a minha descoberta?

- Deixa-me esclarecer bem as coisas... O que tu descobriste, foi que afinal os “maninhos” Light não são tão bons quanto parecem, certo?

- Sim.

- Então é a altura certa para te dizer que eu tenho um irmão que se chama Miguel e... Um avô cujo apelido é Charrua...

- Então... Tu és irmão do Miguel...

- Sim. Como é que o conheces?

- Através do teu avô. Vi o *site* dele.

- Então, mas ele não tem o teu apelido.

- Pois não, Simão, mas isso foi por escolha dele. Ele sempre esteve do lado do meu avô e como este não gosta dos Cartwel, ele também não os aprecia lá muito.

- Ele... É o irmão mau, não é?

- Não diria mau, mas porque é que pensas assim, Rita?

- Pensava que sabias de tudo... - custou-me falar. Com o Simão já não me custava falar sobre nada, mas com o Tiago, ainda por cima sobre o irmão dele...

- De tudo o quê?

- O teu irmãozinho atacou a Rita. – Foi a primeira vez que o Simão mostrou sentir algo parecido com raiva.

- Atacou?

- Sim! Ele disse que ia com ela ao cemitério para a ajudar por causa da campa para onde me empurraste e, em vez de fazer o que devia, fez um “pequeno desvio” e tentou fazer coisas muito impróprias com ela. O que valeu à Rita é que ela se sabe defender e conseguiu fugir!

- Eu estou a imaginar o que ele queria fazer com ela, mas como é que falaste com ele sobre a campa? Podem contar-me esse episódio desde o início?

É claro que fizemos o que ele pediu para que ficasse tudo muito bem esclarecido da parte dele.

- Bem... Ele foi mesmo longe para ajudar o meu avô e proteger aqueles assassinos... Desculpem, mas foi o que eles fizeram. Eles mataram uma pessoa.

- Afinal, quem é que os Light mataram?

- Eles mataram o Martim Cartwel.

- Porquê?

- Eles não aguentaram saber que mais alguém a não ser eles conseguia fazer coisas fora do normal. Foi por pura... Ambição... Queriam ser os únicos, os melhores a prever e a fazer coisas que as pessoas normais não conseguiam fazer mas que desejavam conseguir.

- De que é que isso servia se a maioria das pessoas não sabia o que lhes tinha acontecido?

- Antes de te responder a isso, digo-te que, neste momento vais questionar sempre o que eu contar e tentar fazer os que estão à tua volta mudar de ideias. Mas isso é normal. É nessas alturas que a Margarida está em plena força. Do Simão nem falo, ele mostra-se sempre relutante em relação a esta ideia desde o princípio. O Tomás sempre foi inteligente e atento, não seria agora que o ia deixar de ser.

Era estranho ouvir aquilo da boca dele, porque eu não me queria sentir controlada. Comecei a sufocar. Ao contrário de antes, sentia que tudo o que me

estava a acontecer tinha a ver com a Margarida, que sempre tinha havido com ela. Tinha sido uma sensação tão boa saber que tinha conseguido pensar sozinha sem ela a controlar-me, que a tinha conseguido afastar de mim, por um momento.

- Desculpem, tenho de sair daqui...

- O que é que tens?

- Nada, Simão é só que não aguento estar aqui, tenho que apanhar ar... -
agora não me sentia sufocada apenas por dentro, mostrava isso nitidamente por fora.

- Rita, acalma-te, respira...

Tentei respirar o mais calmamente que pensava conseguir, mas não serviu de muito.

- Não consigo...

- Rita...

Desmaiei.

CAPÍTULO 14 – *ELE FOI O MEU SONHO.*

- Estás melhor?

- O que... - Estava desorientada. Abri os olhos e vi o Simão e o Tiago à minha frente, quase que deitados em cima de mim. Era bom vê-los daquela forma, fez-me perceber que vou tê-los sempre ao meu lado para me proteger, principalmente o Simão...

- Já te estás a sentir melhor?

- Sim... Sim, Simão, acho que sim.

- Fazes alguma ideia do que se passou contigo?

- Se faço... Sim, faço. O que se passou foi que ouvir-te falar da Margarida daquela forma, que ela estava em plena força... Fez-me sentir controlada por ela... Sufocou-me mental e fisicamente... Eu já sei de tudo isto à algum tempo, mas às vezes ainda me custa perceber que não há nada que eu possa fazer, que ela pode usar o meu corpo como se eu fosse uma boneca. Custa-me... Não me sentir eu...
Percebem?

- Sim, claro que sim, Rita.

- Nós percebemos e é por isso que eu estou aqui, contigo e com o Simão, para podermos perceber esta história de uma vez por todas e arranjar uma solução que possa fazer com que tenhamos os espíritos deles, sem sermos controlados. Uma solução para termos uns espíritos... Suspensos... Como todas as pessoas.

- Sim, Tiago, tens razão. Se quiseres, podes continuar a falar. O que é que estavas a dizer, mesmo?

- Desculpa, mas por hoje, fico por aqui. Vou-me embora e, amanhã, encontramos-nos os três, outra vez, pode ser?

- Sim, está bem. Pode ser aqui mesmo?

- Por mim, tudo bem, gosto de estar na tua casa.

- Por mim também, Rita. Eu vou estar aqui contigo, por isso...

- Ainda bem. Tiago, queres que te leve à porta?

- Não, não é preciso. Obrigado. Adeus.

- *Tchau.*

- Finalmente sós... - sorri quando ouvi o Simão dizer aquilo. Mesmo em alturas de assuntos sérios, ele é sempre... Maroto e brincalhão.

- Simão...

- Não me olhes assim. Ele quer ajudar, mas... Interrompeu um momento muito importante para mim.

- Para mim também...

- Então do que é que estamos à espera para aproveitar o tempo?

Ele beijou-me e... Eu não fui capaz de parar. Eu não queria parar. Digamos que... Naquela tarde, quase noite... Eu não precisei de sonhar com ele... Ele estava comigo... Ele foi o meu sonho.

- Bom dia, Rita...

- Bom dia... - Olhei para ele, ainda ensonada e vi-o sorrir. Retribuí-lhe instantaneamente da mesma maneira.

- Dormiste bem?

- Isso é uma pergunta com rasteira?

- Depende... Dormiste muito?

- Não...

- Oh, então deves ter passado uma noite péssima! – disse aquilo com o ar mais sarcástico do Mundo, pelo que me ri e respondi:

- És mesmo parvinho...!

- Mas tu gostas, não é?

- Sabes bem que sim, eu... Adoro-te de uma forma apaixonadamente especial e autêntica.

- Bem, se essas palavras todas são para dizer que me amas, então acho que te posso responder da mesma maneira.

Rimo-nos. Já não me sentia tão bem desde o dia em que o Simão tinha vindo cá a casa pela primeira vez e o meu pai ainda estava comigo. Uma sensação de receio assomou os meus pensamentos por uns segundos. Estava tudo tão bem que seria sinal de que alguma coisa má iria acontecer?

- Que se passa?

- Nada, de repente lembrei-me do primeiro dia em que estiveste aqui... O meu pai estava vivo e estava tudo tão bem, como agora, e de repente ficou tudo inesperadamente mal. Tenho receio que também aconteça alguma coisa agora...

- Rita, não vai acontecer nada, acredita. Não encares este momento, esta felicidade como um sinal de que alguma coisa vai correr mal. Encara como uma recompensa por tudo o que já passaste até agora. Têm-te acontecido tantas coisas más nestes últimos tempos, que... O que aconteceu entre nós, foi algo muito bom para te fazer esquecer aquilo que te magoou. Algo que tu mereces, que nós merecemos.

- Tens razão. Aliás, o melhor momento que podia ter tido depois do aconteceu foi este. E espero que... Nunca saias da minha Vida.

- Acredita, eu vou estar sempre contigo. – Beijou-me, o que era, definitivamente, um fim de conversa. Um bom fim de conversa. O Simão é o melhor que me podia ter acontecido.

- Sabes, eu não importo se os nossos espíritos não forem tão bons como pensávamos. Afinal, eles fizeram o melhor que me podiam ter feito: juntaram-me a ti.

Sorrimos mais uma vez e o telefone tocou. Era o Tiago, pelo que pus em altifalante e ele deve ter percebido isso:

- Olá, pombinhos!

- Olá, Tiago. Tudo bem?

- Sim, está tudo bem e com vocês? Espero não ter atrapalhado nada...

- Não, não atrapalhaste nada. Queres vir até aqui?

- Sim, claro que sim! Foi por isso que telefonei, estava a começar a pensar que afinal não queriam mais encontros comigo, vistas as horas...

- Horas?

- Sim... Ainda não viram que horas são?

- Não...

- Então, é melhor olharem para o relógio...

Duas e meia da tarde! Eram duas e meia da tarde! Bem, não tínhamos mesmo prestado atenção ao tempo...

- Pois... Nós já olhámos e desculpa lá, não sabíamos mesmo que era assim tão tarde...

- Mas de qualquer maneira não tínhamos combinado uma hora, por isso...

- Simão!

- Desculpa lá, Tiago.

- Não tem mal, até tens razão.

- Rapazes, temos assuntos mais importantes para falar, por isso, Tiago, põe-te a caminho e quando estiveres a chegar aqui diz qualquer coisa, *ok?*

- Sim. Até já.

O Tiago chegou rápido como era de esperar. Tão rápido que nem o senti entrar:

- Cheguei!

- Que susto, Tiago! Não te senti entrar...

- Não te podes assustar dessa forma, Rita, tens de ser rija! – Riu-se. Dava para perceber que era na brincadeira mas talvez pelo Tomás ser tão atento, não havia maneira do Simão lhe dar uma oportunidade.

- Ela é rija.

- Sim, eu sei. Estava a fazer uma coisa que não deves fazer muito: brincar!

O Simão levantou-se muito rápido e colocou-se em posição de começar uma briga:

- Se não me conheces, não fales!

- Se não me conheces, não me julgues!

- Parem, por favor! Isto tem de acabar! Simão, eu sei que é difícil mas tenta controlar-te. Se achas que vais dizer algo com a intenção do Tomás, tenta não dizê-lo. Tiago, eu sei que não fizeste por mal, mas se sabes que é o Tomás que faz isto, não respondas às provocações. Vamos falar do que nos juntou a todos. Tiago, ainda te lembras do que estávamos a falar, ontem?

- Não sei muito bem... Mas desmaiaste quando eu falei no comportamento que a Margarida te ia fazer ter. Deve ter sido alguma pergunta em que a Margarida tentasse sair beneficiada.

Pensei um pouco e lembrei-me:

- Já me lembro. De que é que lhes servia, à Margarida e ao Tomás, serem os únicos, os melhores a fazerem coisas paranormais, se a maioria das pessoas não sabia o que lhes tinha acontecido?

- Eram os pais deles que queriam manter aquele acidente em segredo. O que estes “maninhos” realmente queriam era revelar ao Mundo aquilo que conseguiam fazer, melhorar as suas capacidades de modo a lucrar com isso.

- Ambição... Eu não consigo acreditar que... Eles mataram uma pessoa por ambição. Aposto que nem sabiam o que o Martim queria fazer em relação àquilo...

- Pois não, não sabiam. Ele queria apenas arranjar uma cura. Livrar-se do que lhe acontecia.

- O que é que lhe acontecia quando ele estava vivo...?

- Ele via os espíritos das pessoas que morriam e sentia o que eles estavam a sentir... A angústia de querer voltar... A ignorância de não saber o que se passava naquele lugar... Ele... Não conseguia aguentar. O Martim sempre viu o morrer como... Uma viagem para um lugar mais feliz. Mas com aqueles sentimentos negativos sempre a rondá-lo, ele sentia que tudo aquilo em que acreditava era mentira. No fundo, o que lhe aconteceu fez com que ele tivesse medo de morrer. E, a seu entender, aquilo era uma maldição e não um prémio.

- Ele nunca sentiu nenhum sentimento bom... Do outro lado?

- Sim, por acaso sentiu. No momento em que sabia que ia morrer. No momento em que o Tomás lhe apontou a arma à cabeça, a avó dele... Mostrou-se e... Irradiou de sentimentos felizes por saber que não ia estar mais sozinha. Que teria o seu neto com ela. Que poderiam falar juntos, cantar juntos, ler juntos. E isso foi muito bom para o Martim, porque ele percebeu que a morte não era assim tão má. Que, se ficar vivo era sentir sentimentos de espíritos que estavam sozinhos e amargurados, ele preferia morrer... Sem medo.

- E foi isso que aconteceu...

- Sim, e foi isso que aconteceu.

- Desculpem lá eu não estar a acompanhar os vossos raciocínios, mas tem tudo a ver com o Tomás, por isso expliquem-me lá, agora que houve esta reviravolta nos “vilões” da história, como é que podemos acabar com tudo isto e honrar o nome do Martim Cartwel?

- A resposta a essa pergunta é fácil, Simão. As pessoas que se importam com o Tomás e a Margarida, nesta Vida, são o meu avo e o meu irmão. A melhor maneira

de cortar as bases aos vossos espíritos é fazer com que eles sejam esquecidos como os bons da fita, arranjando um plano para, finalmente, abrir os olhos ao Miguel e ao meu avô. Aí, eles não vão ter nada nem ninguém que os apoie e vão acabar por cair no esquecimento, de vez.

- Não.

- Porque é que estás a dizer isso agora, Rita?

- Não, eles nunca vão cair no esquecimento... Enquanto eu e o Simão estivermos vivos... Eles vão sempre conseguir controlar-nos e fazer-nos lembrar de que são eles quem mandam...

- Tu não estás a querer dizer que queres que tu e o Simão se matem... - o Tiago disse aquilo com um tom de brincadeira que não me agradou. Via-se mesmo que ele não me conhecia, ao contrário do Simão que parecia estar a compreender e a sentir o mesmo que eu. – Simão, não dizes nada? Tem de haver outra solução. Talvez o meu avô saiba de alguma forma de os vossos espíritos pararem de vos controlar.

- Duvido muito que isso aconteça, mas estou disposto a tentar, pela minha Vida e pela da Rita também.

- Então, vamos a isto, algum de vocês tem o contacto do meu avô ou do Miguel?

- Rita, tu é que os guardaste, podes dar-nos isso?

Sabia que a ideia do Tiago era a mais correcta e justa, mas, sinceramente, nenhuma das duas tidas naquele momento me agradavam. Estava apática, por um lado, não acreditava que me tinha vindo à cabeça, a ideia de morrer... E fazer o Simão pensar isso. Se bem que era da maneira que tudo acabava rápido e facilmente. Por outro, não me apetecia nada ter que me cruzar com as duas pessoas que me tentaram fazer realmente mal, nesses últimos tempos, se bem que essa deveria ser a nossa primeira tentativa de resolver as coisas.

- Hã? Sim, claro, está aqui no telemóvel. Toma lá.

- Boa, vamos telefonar-lhe.

Ele ia colocar o telemóvel ao ouvido, mas eu lembrei-me:

- Espera! Vais telefonar-lhe assim?

- Não te estou a perceber...

- Tiago, achas mesmo que basta ligares ao Miguel e eles vão mudar de lado, assim? Temos de apanhá-los desprevenidos...

- Pois... Eu e a minha mania de agir sem pensar. Obrigada por te lembrares.
- Tive uma ideia. Eu marco um encontro com o Miguel e o Sr. Charrua para servir de isco!

- Simão, porque é que eles te haviam de querer como isco? Mais depressa caíam na armadilha se fosse eu a marcar um encontro.

- Pois, talvez, mas não te esqueças que foste sozinha ao encontro e, por isso, eles pensam que nós estamos chateados. Eu iria dizer-lhes que me queria vingar de ti por ter perdido tanto tempo contigo. Depois, quando eles estivessem lá, comigo, entravam vocês e mostrávamos ou fazíamos alguma coisa que os fizesse mudar de ideias em relação aos Light. Algo mau que o Tomás e a Margarida tivessem pensado fazer ao avô do Tiago.

- Sim, vamos fazer isso, é capaz de resultar. O meu avô jamais aceitaria uma traição por parte dos Light. Mas, para que ele acredite, é preciso arranjar provas suficientes.

CAPÍTULO 15 – VIVER NUM MUNDO ONDE TU NÃO EXISTES.

Estes últimos dias foram para esquecer. Entre aulas e mais aulas, trabalhos e mais trabalhos e muitas investigações para tentar encontrar provas que pudessem fazer com que o Sr. Charrua e o... Miguel se aliassem a nós, o que, para mim, parecia impossível depois das barbaridades que eles tiveram coragem de fazer para resguardar o nome que não podia ser resguardado e que eu tinha vergonha de ter tão presente na minha Vida e no Bilhete de Identidade, Light, quase não tinha tempo para comer. Mas, de uma certa maneira, valeu a pena, porque encontrámos o melhor que podíamos encontrado para que eles ficassem rancorosos e se quisessem vingar daquilo que já está morto e ainda tem Vida, infelizmente através de mim, o que era mais passo para chegar ao fim.

O que nós não sabíamos e era muito importante é que o Charrua tinha uma irmã chamada Maria, que já faleceu, de quem ele gostava muito. Felizmente para mim, o Simão e o Tiago, conseguimos ter posse de um antigo diário dessa senhora em que contava que o pai do Tomás e da Margarida... Fez à irmã do Charrua o que o Miguel me tentou fazer a mim, tendo o Tomás e Margarida pleno conhecimento disso. Depois de o mostrarmos a eles, vai provocar-lhes uma revolta na cabeça, de certeza.

- Em que estás a pensar?

- Nada. Porque é que dizes isso, Simão?

- Estás distante...

- O fim de tudo isto está cada vez mais próximo.

- Talvez. Depende do que o Miguel e o seu avô pensarem depois daquilo que lhes vamos revelar, ou... Aquilo que disseste ao Tiago, sobre tudo isto acabar apenas quando nós morrermos... Estás mesmo a pensar na possibilidade de fazermos isso?

- Fazermos, não. Fazer, sim. Se for preciso matar-me para acabar com esta história de uma vez, fá-lo-ei. Agora, nem te passe pela cabeça que por pensar numa coisa destas, tens de fazer o mesmo.

- Eu farei aquilo que for melhor para mim e o melhor para mim é estar contigo, onde quer que seja.

- Por favor, não penses assim...

- Como é que queres que eu pense? Eu vivo para te proteger, foi por essa razão que nasci. Os espíritos juntaram-nos... Não quero que também nos separem.

- Simão, é a morte... É um sacrifício, não uma bênção.

- Como é que podes dizer isso? Se é tão importante para ti acabar com tudo isto, estar em paz, estar comigo, não devias pensar dessa forma. Sacrifício, para mim, é ter de viver num mundo onde tu não existes.

- Lembra-te da tua família. Eles vão sofrer por ti, eles vão chorar por ti. O teu espírito vai acabar por ir para o corpo de outra pessoa e vais esquecer-te de tudo aquilo que viveste. É a lei da Vida. Eu não tenho nada disso, por isso, a minha morte não seria um drama e uma perda tão grande.

- Seria, para mim!

- Olá, olá! – Era o Tiago. Olhámos para ele com uma cara de quem o queria matar, mas até foi bom que ele tivesse entrado... - Ui... Hoje está má onda...

Desculpem ter interrompido...

É óbvio que ele se estava a virar para ir embora, mas eu gritei:

- Nem penses!

- Ora, então porquê?!

- Simão, porque não! Tu nem sabes o que ele tem para nos dizer!

- Eu volto mais tarde...

- Não! O que é que tens para nos dizer?

Voltou a entrar para dentro, pé ante pé, muito devagarinho e explicou:

- Como estou tão ansioso quanto vocês para ver a reacção do meu avô quando souber da “bomba” que temos para lhe contar, liguei-lhe e foi o Miguel que atendeu,

respondendo-me com sete pedras na mão, que se ele pudesse atirar para mim, vinham direitas à cabeça. Ele tem muito boa pontaria...

- E muito pouca coordenação... Mas continua...

- Que piada, Simão... - respondeu com um sorrisinho maroto, porque sabia que ele se estava a referir à joelhada que o Miguel teve a “honra” de provar de mim.

- Posso continuar? – Confirmámos, ficando calados, o que ele percebeu. – Bem, mas como o meu avô acredita que está com os pés para a cova, quis falar comigo e eu disse-lhe que queria marcar um encontro com ele, o que, incrivelmente, ele aceitou sem refilar.

- Bem... Ele está mesmo calminho... Se calhar, vamos ter sorte.

- Para quando é que ficou marcado o encontro?

- Bem, Rita... Amanhã.

Desta vez foi o Simão que teve um ataque de pânico, o que era muito raro nele:

- Já?!

- É pá, eu tive que aproveitar, a única imposição que ele fez foi ser o mais rápido possível, ou seja, amanhã.

- Acalma-te, Simão...

- Acalmar-me?! Se, amanhã, aqueles dois... Aquelas duas pessoas, não quiserem nada connosco... É o fim.

- Fim... Isso é bom, não é?

- Para ti, não. Para ti, é um sacrifício, segundo as tuas palavras.

- Hei, vai correr tudo bem, não vai acontecer nada do que vocês estão para aí a pensar.

- Obrigada pelo optimismo, Tiago.

- De nada, mas agora é melhor descansarmos todos para amanhã estarmos no nosso melhor.

- Não combinamos nada?

- Não precisa. Eu vou até à garagem da casa do meu avô, já agora que ia-me esquecendo, toma lá este papel com a morada e a hora, e depois telefone-vos para irem lá ter quando estivermos todos instalados para uma conversa longa.

- Hum, está bem. Queres ficar cá, comigo e com o Simão?

- Não me parece, Rita... Vocês têm que resolver umas coisitas...

- Está bem, eu compreendo a tua posição. Até amanhã.

- *Tchau aí.*

Logo depois de o Simão ouvir o bater da porta exterior, abraçou--me com todas as suas forças e ternura e choramingou:

- Eu não te posso perder, Rita.

- Tu nunca me vais perder.

- Como, se amanhã pode ser o nosso último dia cá?

- Pensa bem no que estás a querer fazer... Tu não tens de morrer por minha causa... Se calhar, nenhum de nós vai ter de se matar amanhã.

- Mas... E se tiver? Como vai ser?

- Se queres que te seja muito sincera, não sei. Não sei se vai ser com uma arma, com um...

- Não, não é isso que estou a querer dizer... Depois... De já não estarmos aqui... Como vai ser?

- Não sei, infelizmente ainda ninguém veio cá explicar-nos como é morrer, daí a morte ser tão temida, mas... Os espíritos juntaram-nos... Se quiserem que continuemos juntos... Nada vai mudar isso...

- O Tomás e a Margarida são os nossos espíritos. Se eles nos juntaram para seu próprio benefício, também nos podem separar... E... Eu nem quero pensar nessa hipótese.

- Então, não penses. Sê aquela pessoa descontraída e brincalhona que eu conheci. Deixa que o tempo e o espaço decidam. Ri comigo enquanto podemos, dança, canta comigo, aproveita. Vamos tornar esta possível última noite inesquecível.

- Beija-me.

Sorrimos enquanto nos beijávamos. Realmente era uma coisa que adorava nele, era... Especial. Como tentei que aquela noite fosse.

CAPÍTULO 16 – *TODA A ETERNIDADE.*

O dia. O dia esperado por muitos, evitado por outros. O dia em que já nada dependia de mim. O dia de um fim e de um início. Um fim temido, um início desconhecido. Memórias e mais memórias, despedidas que não queria fazer, coisas que não queria que acontecessem mas que, mais uma vez, não dependiam de mim. De um momento para o outro, esta história parecia ter chegado a um extremo. Um extremo de loucura, de impotência, de Vida. O Simão estava completamente vulnerável e isso era o que eu mais temia, por isso mantinha-me forte, apesar de já

estar morta por dentro, morta de medo de magoar o Simão, de o fazer perder o que, segundo as suas palavras, era o mais importante: eu.

- Bom dia, linda!

- Bom dia, giraço!

- Dormiste bem?

- Mais ou menos. Tive um sonho.

- Comigo?

- Claro, obviamente, sonho sempre contigo, mas este sonho foi diferente...

- Como assim?

- Eu não estava contigo, entre nós havia uma porta transparente, eu via-te do outro lado e tu também me vias, mas não havia maneira de a porta abrir, estávamos separados por tão pouco, mas ao mesmo tempo por tanto...

- Poderá ser um sinal sobre o dia de hoje?

- Não sei mas acho que é a Margarida a sentir-se ameaçada e a tentar demover-me da ideia de morrer, porque sabe que tudo vai acabar...

- Pois, ela é imprevisível mas não quero falar sobre isso, quero ver a minha mãe, a minha irmã e o meu pai.

- Sim, claro, vamos lá agora.

Ver a “despedida” do Simão custou-me imenso. Deu perfeitamente para perceber que apesar da morte não ser um sacrifício para ele, também não era nenhum mar de rosas. O sofrimento era nítido nos seus olhos e... Era tudo por minha causa. Eu e a minha estúpida ideia de morrer estavam a tornar este dia uma tortura. Mas não havia nada que pudesse ser feito em relação a isso. Se a minha missão é “limpar” o nome do Martim Cartwel e não deixar que os Light vençam, é isso que vou fazer, senão, qual é o sentido da Vida? Além disso, os sonhos nunca iriam parar, a Margarida controlar-me-ia sempre que quisesse e eu ia sentir-me sufocada. Não conseguiria viver dessa forma.

O telefone tocou. Era o Tiago:

- Onde estão?

- Acabámos de sair da casa do Simão.

- Então aproveitem e venham até a casa do meu avô. Depois digo-vos quando puderem entrar.

- Está bem, até já.

- Até já.

Desliguei o telemóvel.

- É agora?

- Sim, Simão.

A viagem foi tranquila, mas ao mesmo tempo sentia-se um clima de tensão. Não sei o que o Simão pensava, mas provavelmente, os seus pensamentos eram iguais aos meus, que eram o não saber se ia voltar para casa ou se acabaria tudo no momento em que metesse os pés na garagem do Charrua. Estaria a fazer as escolhas certas? Claro que não, escolher pôr termo à oportunidade única que é a passagem por este Mundo, não é uma boa decisão, porque apesar de estarmos a acabar com uma dádiva, ainda estamos a desrespeitar aqueles que morreram sem pedir ou querer, como por exemplo... O meu pai...

- Acho que estamos a chegar, pelo menos é o que a morada indica...

Gelei. Isso queria dizer que iria ver aquele que me tentou fazer mal e de que dele dependia a minha Vida. Se ele não concordasse poderia influenciar a decisão do seu avô e aí... Não haveria quem nos ajudasse.

- Agora só nos resta esperar pelo sinal do Tiago.

- Pois... Depois de tantas investigações e raciocínios que fizemos... Acabou por nada depender de nós.

- É verdade.

O Simão olhou pela janela e, ao virar-se repentinamente para mim, perguntou:

- Porque é que estamos a fazer conversa da treta?

- O quê?

- Nós sabemos que tudo pode acabar agora, ou não. Devíamos aproveitar este momento para nos despedirmos, por isso tens dois minutos para me dizer aquilo que nunca disseste. A começar agora.

Fui apanhada de surpresa e, por uns breves momentos, fiquei calada. Estava a perder tempo...

- Hum... Eu não sei muito bem o que te dizer... Eu... Amo-te e, aconteça o que acontecer hoje, não me arrependo do dia em que decidi tentar esclarecer as coisas contigo, nem de ter sido a escolhida para viver esta história porque foi assim que te conheci. Agora és tu.

- Bem, eu... Sinto por ti, tudo aquilo que tu sentes por mim, mas mudava uma coisa: se pudesse voltar atrás e tirar o momento em que te conto o que nos aconteceu, fazia-o sem qualquer problema, porque prefiro ver-te ao longe, sem te

poder tocar, do que correr o risco de te ver morrer e ter o medo de não te ver novamente mesmo que também me mate.

- Tens o direito de pensar assim...

O telemóvel tocou novamente. Era o Tiago.

- É agora?

- Sim, venham até aqui.

- Onde estás?

- Olha pela tua janela e vê-me. – Olhei e lá estava ele, à frente da porta da garagem, que era de metal, mas estava pintada da mesma cor da casa, branco.

- Já te vi. Vamos já ter contigo. – De repente reparei que comecei a tremer quando desliguei o telemóvel. Disfarcei.

- Onde é que ele está?

- Ali. – Apontei para a localização do Tiago. – Vamos.

- Sim...

- Não te preocupes, vai correr tudo bem.

- Esperemos.

Fomos ao encontro do Tiago e entrámos na garagem, atrás dele.

- Que estão eles aqui a fazer?

- Miguel...

- Desculpe, avô.

- Olá, avô.

- Olá, Tiago.

- Eles estão aqui comigo, porque precisamos de falar sobre os Light e os Cartwel.

- Desculpa, meu neto, mas não há nada para falar.

- Como é que o avô pode preferir defender os seus patrões ao invés de defender a família? – O Tiago estava a começar a exaltar-se, por isso pedi-lhe que tivesse calma. – Não dá para ter calma, desculpa mas não dá! Mas, tudo bem, se o avô prefere ir pelo caminho mais doloroso, vamos lá.

- Nem penses que vais bater no avô!

- Claro que não, Miguel. Eu não sou como tu, que recorre à violência para conseguir o que quer. – Ao ouvir isso, o Miguel olhou para mim, que desviei o olhar, e calou-se. – Bem, avô. Eu, a Rita e o Simão temos em nossa posse um diário da sua irmã Maria.

- O que fazem com ele?!

- Temo-lo aqui para lhe dar, mas com uma condição. Terá que ler as páginas que lhe indicarmos.

- Está bem, mas, antes de ler silenciosamente, quero que a rapariga leia para mim.

Os olhares viraram-se todos sobre mim. Esperavam uma resposta, por isso estendi a mão para receber o diário e acenei afirmativamente, preparando-me para ler:

- “Os dias são cada vez mais vagarosos e piores. Vivo os dias com medo que o senhor André me apanhe sozinha e faça aquilo que mais temo e que é ousado e feio de se dizer, mas que tenho que escrever aqui para desabafar com alguém. Sempre que vou fazer uma volta ao celeiro, ele vem atrás de mim e, quando não tem ninguém, viola-me. Sinceramente, não percebo porque não se contenta com a bela mulher que tem, o que me diz é que sou tão lindinha que é um desperdício perder-me, mas preferia esperar até ser grande para ser feliz com um homem que amasse realmente e que não me quisesse usar como ele me usa. Depois, fico sempre com medo que alguém descubra, principalmente, o meu irmão José, que, se souber, é capaz de matar o senhor André e, aí, ficamos sem o nosso sustento. Além disso, se alguém descobrir, vão brigar comigo por não ter dito nada mais cedo, e já ser uma menina desposada.

Espero que um dia tudo isto acabe. Adeus, querido diário!”

- Não acredito... Ela sofreu tanto e eu... Nunca desconfiei.

- Esta é a prova que mostra que a família Light não é aquilo que o senhor pensava que fosse e que foi um grande erro tentar protegê-los até agora.

- Não. O Tomás e a Margarida não sabiam.

- Sim, sabiam, senhor Charrua. Nós encontrámos a passagem do diário em que ela conta que foi descoberta pelos gémeos.

- Ai, sim, Ritinha? Então, mostra!

- Não te dirijas a ela dessa forma, pervertido!

Ao ouvir aquilo, o Miguel sacou de uma arma e, enquanto se preparava para pôr o dedo no gatilho e disparar, eu atirei-me para a frente do Simão, que era para quem ele, obviamente, iria apontar ao sentir-se ofendido. A última coisa que ouvi antes de sentir a bala penetrar no meu corpo, foi a voz do Simão a gritar “Não!” e agarrar-me pelos ombros para me desviar, mas era tarde demais. Parte do meu

sangue já se tinha espalhado pelo chão da garagem, enquanto o meu corpo se preparava para fazer o mesmo. Depois da forma tão rápida como tudo isto aconteceu, ainda estive consciente tempo suficiente para ouvir e compreender o tom de aflição da voz do Simão e perceber que ele estava ajoelhado ao meu lado a tentar estancar o sangue que continuava a jorrar de dentro de mim como uma fonte, com a sua *t-shirt*.

- Por favor, alguém telefone para o 112! Por favor! Tiago, é normal que eles não façam nada mas o que é que estás a fazer aí especado?!

- Desculpa, Simão, mas não estou bem certo se devemos salvá-la ou não.

- Estás parvo?! Então, porquê?!

- Há já algum tempo que tu, mais do que ninguém, falavas com a Rita sobre o facto da morte, do suicídio, ser uma opção para ela, então, não seria melhor deixá-la morrer assim do que ter que fazer ela sujar as mãos, matando-se a si mesma?

Ouvi a voz do Simão tremer:

- Não... Mas eu não consigo viver sem ela... E se ela já não quiser morrer? Não a podemos deixar ir dessa forma...

- Ela pôs-se à tua frente, isso deve querer dizer alguma coisa.

- Sim, quer dizer que ela não estava atenta ao que estava a fazer! Foi um reflexo rápido demais! Um erro! Temos que ajudá-la!

- Ela estava mais atenta do que pensas...

Cansei-me de tudo aquilo, apesar de estar a ser uma morte dolorosa, ainda me doía mais ouvir a voz de sofrimento e aflição do Simão. Nem nas nossas piores conversas tinha ouvido a voz dele soar daquela forma, por isso esforcei-me o mais que pude e disse:

- Por favor... Parem... Eu... Amo-te, Simão... E... Esta é a melhor... Maneira de o provar... Quero... Morrer por ti... E deixar-te... Ser feliz... Esta história... Vai acabar... Agora...

- Não, eu não...

Deixei de ouvir o Simão. "Morri". Era estranho ouvir-me pensar daquela forma, mas era a verdade. Estava num espaço vazio, parecia um sonho. Sentia-me a flutuar, mas nada disso interessava naquele momento. Aquilo em que pensava era o Simão. De repente senti um enorme sentimento de tristeza e, se o meu coração já não tivesse parado, diria que aquela era a melhor altura para o fazer. Era oficial: depois da morte, há Vida, mas não aquela que eu queria. Esperava... Um grande jardim com

relva verde, muito bem aparada e muitas pessoas vestidas de anjos que me pudessem ajudar naquela nova fase. Esperava um céu azul com um grande sol brilhante, de dia e uma lua cheia única que iluminasse o céu escuro, de noite. No fundo, esperava que a morte fosse um conjunto de tudo o que havia de melhor no outro mundo. Tal como numa telenovela que foi feita apenas para entreter e prender as pessoas à frente da televisão. Mas ao que parecia, estava muito enganada, porque não havia nada daquilo com o qual eu alguma vez tinha sonhado. Era apenas... Um espaço vazio, negro. Onde nem havia chão. Se calhar, até existe aquela Vida que eu imaginava, devo apenas ter feito muitos pecados para ir parar ao inferno, a solidão.

Fechei os olhos e tentei imaginar-me com o Simão. Imaginei tanto que, a certa altura comecei a senti-lo como se ele estivesse mesmo ali, a tocar-me, a proteger-me com a sua pele quente e macia. Imaginei tanto que comecei a sentir-me completamente segura... E de repente, lembrei-me: flutuar, Simão, pele quente e macia, segurança, o calor que a temperatura dele me transmitia o que fazia com que parecesse que eu estava no Sol, sem uma base... Eu tive um sonho exactamente igual a este... Um sonho que não era assim tão descabido como eu pensava, ao início... Eu sonhei com a minha morte. Esse pensamento fez-me abrir os olhos muito rapidamente e, qual não foi o meu espanto quando percebi que, afinal, não tinha sido a minha imaginação a fazer-me sentir o Simão, ele estava ali! O Simão estava ali, a meu lado!

- O que é que estás aqui a fazer?! Mataste-te?!

- Hum... Eu... Onde é que eu estou? Rita? Resultou?! Resultou, eu não acredito que resultou! – Abraçou-me com aquela pele quente e macia e foi maravilhoso! Parecia que já não o sentia à uma eternidade...

- O que é que resultou, como estás aqui?

- Bem... Eu... Assim que tu... Morreste, eu não aguentei, ia-me desfazendo em lágrimas, eu queria morrer, matar-me ali mesmo, de qualquer maneira, mas o senhor Charrua percebeu que o que eu sentia era mesmo amor e ajudou-me a morrer e a conseguir chegar até ti. Eu estava com tanto medo de não te encontrar nunca mais!

- O que é que ele fez exactamente?

- Ao que parece, ele aprendeu muito com os... Sinceramente, não vale a pena estragar este momento com o nome do que já não existe. Eles. Rezou umas palavras em latim, ou numa língua desse género e de repente, morri e vim parar aqui...

- O quê? Nem foi preciso veneno, uma faca, nada que te ferisse?

- Não, num momento eu estava vivo e, no outro já não estava... Mas, não quero falar sobre isso. Acabou...

- Acabou...

- Acabou tudo aquilo que queríamos que acabasse... Estamos juntos... Nada de... Gémeos... Nada de Cartwel...

- Vamos finalmente poder ser autênticos... Livres de toda aquela história que tanto nos fez dar voltas à cabeça, mas que também fez com que nos conhecêssemos.

- Sabes o que eu penso sobre a autenticidade, mas sim... Livres e juntos para toda a eternidade.